

**UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO
FACULDADE DE FILOSOFIA, LETRAS E CIÊNCIAS HUMANAS
DEPARTAMENTO DE LETRAS CLÁSSICAS E VERNÁCULAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM FILOLOGIA E LÍNGUA
PORTUGUESA**

**O Debate Televisivo: um estudo das Estratégias
Argumentativas no Discurso Feminino**

ELIETE SAMPAIO FARNEDA

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Filologia e Língua Portuguesa, do Departamento de Letras Clássicas e Vernáculas, da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo, para obtenção do título de Mestre em Letras.

Orientadora: Profa. Dra. Zilda Gaspar de Oliveira Aquino.

**São Paulo
2007**

Livros Grátis

<http://www.livrosgratis.com.br>

Milhares de livros grátis para download.

RESUMO

FARNEDA, E. S. **O Debate Televisivo: um estudo das Estratégias Argumentativas no Discurso Feminino**. 2007. 140 f. Dissertação (Mestrado) - Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo, São Paulo, 2007. elisamfar@yahoo.com.br

Este trabalho propõe-se a investigar o discurso feminino veiculado pela mídia televisiva, salientando a questão dos gêneros sociais e destacando especialmente a figura da mulher no que se refere ao espaço que ela vem conseguindo para se firmar na sociedade. Partimos da hipótese de que seja possível apreender esse novo perfil da mulher, a partir da observação das marcas presentes no processo argumentativo. Entendemos que essas marcas sejam decorrentes das estratégias argumentativas utilizadas na organização do discurso e que possam ser observadas a partir do contexto interacional que se apresenta, por exemplo, em um programa da mídia televisiva com formato de debate. Selecionamos o programa Saia Justa, transmitida pela GNT e destacamos o argumento de autoridade, decorrente da citação, o exemplo e a ilustração, por se apresentarem como estratégias argumentativas de maior ocorrência na construção discursiva das participantes da interação. As análises permitiram depreender que essas estratégias, além de contribuírem para a organização e desenvolvimento do discurso, aumentam a adesão do público/auditório aos pontos de vista apresentados. Ressaltamos a abordagem a respeito da formação de um novo perfil feminino delineado pela mídia televisiva e pela participação da mulher nos diversos segmentos político-sociais ao longo das três últimas décadas. Os pressupostos teóricos têm por base a Teoria da Argumentação de Perelman e Olbrechts-Tyteca (1996), bem como questões relativas à linguagem e ao sexo de Aebisher e Forel (1991), e estudos a respeito do debate midiático de Fávero e Aquino (2005).

Palavras-Chave: estratégias argumentativas; debate midiático; argumentação, gênero social.

ABSTRACT

FARNEDA, E. S. **The TV Debate: a study of the Argumentative Strategies in the Feminine Discourse**. 2007. 140 f. Dissertation (Master) – College of Philosophy, Languages and Human Science of São Paulo University , São Paulo, 2007.

elisamfar@yahoo.com.br

This research offers to investigate the feminine speech broadcasted through the TV media, standing out the matter of social gender and highlighting specially the woman's figure about the space she has reached in order to stand out in the society. We start from the hypothesis that it's possible to apprehend this new woman's profile, from the observation of the present marks in the argumentative process. We understand that those marks derive from argumentative strategies used in the organization of the speech and that they can be observed starting from the interaction context that comes, for example, in a TV media program with a debate format. We chose the program "Saia Justa", broadcast by GNT and we detached the authority argument, due to citation, the example and the illustration, presented as argumentative strategies of larger occurrence in the participants' speech construction in the interaction. The analysis allowed to infer that those strategies, apart from contribute for the speech's organization and development, increase the public/audience's adhesion to the points of view presented. We point out the approach about the formation of a new feminine profile outlined by the TV media and for the woman's participation in the several political-social segments along the last three decades. The theoretical presuppositions have for base the Theory of Argumentation of Perelman and Olbrechts-Tyteca (1996), as well as relative questions about the language and the sex of Aebisher and Forel (1991), and studies regarding the media debate of Favero and Aquino (2005).

Key-words: argumentative strategies, media debate, argumentation, social gender.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO

I. Considerações Iniciais	13
II. Delimitação do Tema	18
III. Objetivos	
3.1 Geral	19
3.2 Específicos	19
IV. Procedimentos Metodológicos	20
V. Organização do Trabalho	23

CAPÍTULO I – O Discurso e a Argumentação

1.1. A Argumentação	25
1.2. Estratégias argumentativas: o argumento de autoridade	33
1.3. O argumento pelo exemplo e pela ilustração	36

CAPÍTULO II – Os gêneros sociais: a construção da identidade no discurso feminino

2.1. A noção de gênero social	38
2.2 A questão do gênero social	39

2.3. A mulher como sujeito social	42
2.4. Os gêneros sociais e a diferença de linguagem	47
2.5. O discurso feminino na mídia televisiva	50

CAPÍTULO III – O discurso feminino e a mídia

3.1. A influência da mídia no processo de formação	
Identitário social	55
3.2. O discurso televisivo	59
3.3. O estudo sobre o gênero discursivo	63
3.4. O debate na mídia televisiva	64
3.5. A interação verbal no debate	66

CAPÍTULO IV – Análises do *Corpus*

4.1 Contextualização	73
4.2. O argumento de autoridade	76
4.3. O argumento pelo exemplo	83
4.4. O argumento pela ilustração	89
4.5. Conclusão das análises	94

CONSIDERAÇÕES FINAIS	97
-----------------------------	-----------

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	102
-----------------------------------	------------

ANEXOS

Anexo A	109
Anexo B	117
Anexo C	124

O silêncio é signo de confiança. E se a linguagem atravessa a verdade com a máscara da neutralidade é porque ela é palco e aí cabem outras representações. Por que não a do compromisso com seu tempo e sua gente?

(VOGT, C. A., 1980)

INTRODUÇÃO

I. CONSIDERAÇÕES INICIAIS

Os estudos da Argumentação vêm de longa data. Aristóteles já lhes dava grande importância ao tratar das questões referentes à Retórica. Com o passar do tempo, houve a necessidade da retomada dos estudos referentes à Retórica. Surge, por volta de 1958, a publicação dos trabalhos de Perelman, filósofo jurista que impulsionou os estudos da argumentação, buscando aliar elementos da Retórica Aristotélica a uma visão contemporânea sobre o assunto. A publicação da Nova Retórica, que contribuiu para o renascimento da teoria da argumentação.

Poucos são os trabalhos a respeito do discurso argumentativo no Brasil nas últimas décadas, principalmente no que se refere ao discurso veiculado pela mídia televisiva. Grande parte dos trabalhos voltados ao discurso argumentativo tem como fonte de pesquisa o discurso proferido pelo homem, desconhecendo-se, até o momento do desenvolvimento de nossos estudos, trabalhos que evidenciem o discurso da mulher, ou de grupo de mulheres e as estratégias argumentativas utilizadas por ela(s) no decorrer do processo interacional, tendo como suporte a mídia televisiva.

É nessa perspectiva que desenvolvemos nossos estudos enfatizando o discurso televisivo e a argumentação nele contidos, tendo em vista o papel da televisão na sociedade, como formadora de opinião. Essa afirmação pode ser constatada através de pesquisas, como por exemplo, a matéria publicada na Revista de Cinema (2003), do Instituto de Estudos da Televisão, informando que a cada noite, cerca de 80 milhões de brasileiros estão regularmente assistindo a uma programação. Isso gera uma receita de mais de sete bilhões de reais por ano,

superando o faturamento de todos os outros meios de comunicação. Trata-se, assim, de um dos meios mais poderosos e influentes na formação da cultura brasileira e que merece atenção, entre outros, nas pesquisas voltadas ao discurso.

A variedade dos gêneros televisivos está distribuída entre canais alternativos e abertos, com uma programação diversificada composta por programas de auditório, de entrevistas, telenovelas e outros, muitos deles direcionados a públicos específicos, como o infantil, o adolescente, o masculino, além de alguns nomeados especificamente como programas dirigidos ao público feminino. Estes últimos se propõem a servir, muitas vezes, como guias para a resolução de problemas e, em geral, apresentam quadros variados, como horóscopo, moda, entrevistas, estudos de caso, receitas culinárias, cartas de telespectadoras e uma seleção de informações que dizem respeito à esfera privada, de ordem pessoal e afetiva do público feminino em geral.

Interessa-nos destacar, neste trabalho, o programa direcionado ao público feminino, a quem a televisão brasileira tem dedicado programas em que a seleção de informações segue praticamente o mesmo modelo para todas as emissoras: o grau de importância, a originalidade, o conflito, enfim, tudo aquilo que desperta o interesse no telespectador, tendo em vista que o sucesso de uma programação depende da riqueza de estratégias utilizadas pelos locutores que buscam a adesão do público/telespectador aos temas apresentados. A escolha lexical, os recursos de modalização, as estratégias argumentativas e o emprego da pauta fixa permitem a organização de um processo persuasivo específico.

Há, na mídia em geral, um jogo mercadológico e isso possibilita que, na mídia televisiva, a emissora se legitime como detentora do saber. Por sua vez, o telespectador, em princípio, compartilha da mesma ideologia, das mesmas crenças

apresentadas pelo programa. Diferentes interpretações são construídas pelo telespectador no decorrer da programação, na qual o programa é inserido, dando margem à formação identitária.

A maioria dos programas voltados ao público feminino estrutura-se na complexidade dos gêneros sociais e muitos obedecem a uma lógica repetitiva que retrata o cotidiano feminino específico de mulheres que se dedicam às atividades domésticas, isto é, os programas são freqüentemente voltados aos cuidados da família e da casa. Essa programação televisiva para o público feminino parece refletir desconhecimento de certo perfil de telespectadoras, aquelas conectadas à tecnologia, à linguagem de videoclipes, ao espetáculo próprio da televisão e que sentem falta disto nos programas dirigidos a elas.

Entendemos com Lochard (1996) que, a criação de programas sexistas apenas simplifica o problema, mas não inova a forma ou conteúdo. Parece fundamental analisar os conteúdos dos programas dirigidos ao público feminino, tendo em vista o contexto social, o qual, como o sabemos, é marcado pela presença do homem em um processo construído histórica e socialmente dentro dos ditames econômicos e políticos.

Há séculos, as mulheres vêm lutando para conseguir um espaço que as dignifique. Da primeira revolução feminista organizada pela Ateniese Lisístrada, em 411 a.C, passando por fatos, como: o da formação da primeira advogada do Brasil, Maria Augusta Saraiva, em maio de 1902; o da luta pelo direito ao voto feminino em 1922, que teve à frente a zoóloga Berta Lutz; o da eleição da primeira mulher a ocupar cargo público no país, em 1934, a deputada Carlota Pereira de Queirós, a outros fatos de grande importância que auxiliaram no posicionamento mais integrado

da figura feminina à esfera político-social do país. Há na sociedade contemporânea uma mudança gradativa, mas significativa, que as vêm fortalecendo e fazendo surgir um perfil de mulher intelectualmente posicionada. Diversos são os exemplos de mulheres que se destacaram na política, nas artes, na literatura, nos esportes e que deixaram, cada uma em sua época, suas impressões, suas reivindicações, possibilitando uma nova visão da figura feminina.

Embora esse novo perfil de mulher venha-se delineando através dos tempos, o estudo do discurso veiculado pela mídia televisiva nessa direção parece, ainda, ser insuficiente. Ainda que a mulher tenha ganhado espaço, por exemplo, na condução de determinados programas, constata-se que isso não significa obrigatoriamente melhoria no conteúdo da programação. Pode-se exemplificar citando alguns programas classificados pela mídia como programas de variedades, que têm mulheres à frente da apresentação, mas que mantêm o mesmo formato de programação.

Um exemplo de programa que pode ser classificado como “variedades” e volta-se ao público feminino é exibido diariamente pela Rede Bandeirantes de Televisão, das 15h às 17h15min¹. Este tem sua primeira hora exibida somente em São Paulo e a outra hora e quinze minutos exibida em âmbito nacional. Segundo o site da própria emissora ², um “programa de conteúdo apurado, que retribui a audiência com informações de relevância”. O programa caminha em várias direções: notícias atualizadas pelo jornalismo da Band, dicas de beleza, assuntos da

¹ Pra Valer apresentado por Claudete Troiano.

² www.band.com.br

atualidade, como, moda, saúde, bem estar, auto-ajuda, decoração, culinária, esoterismo, cinema, finanças e curiosidades.

A Rede Globo de Televisão também exhibe diariamente às 8h, um programa voltado para o público feminino e que aborda temas como culinária, arte, música, conscientização da qualidade de vida, reportagens, entrevistas com artistas e com alguns profissionais especializados ³. Embora a grade dos programas citados apresente formato semelhante, com um bloco de debate sobre o tema apresentado na reportagem de abertura, a abordagem desse tema possui características mais próximas de uma entrevista, pois o assunto em questão é discutido entre apresentadora e um ou mais profissionais especializados, sem maior aprofundamento ou necessidade de defesa de pontos de vista. O discurso é pautado em perguntas e respostas com a intenção de informar o público/telespectador, levando-o ao conhecimento do assunto em questão. Nesse aspecto, esse programa aproxima-se do nosso *corpus*, porém se distancia, por exemplo, em relação aos participantes que, no nosso caso são fixos e nos demais programas anteriormente citados são variados. Outro distanciamento refere-se ao fato de que estes programas são diários e o de nosso *corpus* não o é.

Uma pesquisa elaborada pelo grupo da TVER (1999), criado com objetivo de propiciar reflexões sobre a responsabilidade social e pública da televisão brasileira, detectou o tipo de mulher para quem deveria ser veiculado o discurso televisivo. As variantes encontradas para o perfil feminino foram as seguintes: forte, inteligente, bem informada, trabalhadora, competente, questionadora. Essas variantes de características femininas levam-nos a questionar a organização do discurso feminino

³ Mais Você, apresentado por Ana Maria Braga.

em programas televisivos, tendo em vista este perfil que demonstra maior interesse por uma programação com informação contextualizada, linguagem e produção mais elaborada e diversificada em termos de conteúdo, o que impele para um formato que foge ao padrão de programas femininos de trabalhos manuais e receitas culinárias.

Trata-se de um novo perfil de mulher brasileira (ainda que em número reduzido) que, na verdade, encontra poucas opções nos canais de televisão em relação a programas diferenciados. Muitas vezes, ela se vê apenas diante da possibilidade de assistir aos programas femininos de variedades. Possivelmente, essa seja a razão de Baudrillard (1995) afirmar em seus estudos que existe na estrutura dos programas femininos uma referencialidade a questões inúteis e banais.

As mulheres que fazem parte desse novo perfil sinalizam pedindo programas que debatam temas como política, meio ambiente, artes, profissão, um programa em que as integrantes sejam mulheres e que debatam temas universais. Este é o caso do Programa Saia Justa, transmitido pelo canal por assinatura GNT. As participantes debatem temas diferenciados, abordam trechos de livros de diversas áreas, debatem sobre política e discutem uma situação problema que é chamada momento saia justa. É um programa que, já pela seleção das locutoras, tenta reforçar a imagem de mulheres bem sucedidas, informadas e autônomas, certamente para criar uma identificação com um novo perfil de mulher, propiciando, assim, a criação de uma nova identidade.

A nova identidade da mulher surge de experiências em que se descobrem como cidadãs e pessoas, imprimindo a imagem de um novo perfil feminino que vai além do interesse por receitas de culinária ou dicas de beleza, das revistas com abordagens sobre moda ou particularidades de celebridades. Esse novo perfil

feminino necessita de maiores estudos sobre o seu discurso, tanto na mídia televisiva, como em revistas especializadas nas questões de gênero.

Sabemos que várias pesquisas foram feitas a respeito do gênero feminino, mas não se conhecem muitos estudos sobre o discurso feminino. Os que trataram da mulher até agora se direcionaram mais às questões da violência e da relação homem/mulher. As revistas especializadas em estudo dos gêneros, como a Revista de Estudos Feministas, publicaram uma diversidade de artigos que abordam desde a violência de gêneros (feminino/masculino), em seus diversos âmbitos, até estudos literários específicos sobre a mulher.

Há estudos sobre a conversação entre homem/mulher, para se observar a interação entre eles. Alguns pesquisadores, filiados à ANPOLL, constituíram um grupo de trabalho sobre “A mulher na literatura”, refletindo a condição social e ideológica feminina nas obras de grandes escritoras, como Clarice Lispector, Lygia Fagundes Teles, Lya Luft entre outras. Outras pesquisadoras, como Tannen (1993) e Aebischer & Forel (1991), Coates (1993), produziram artigos que comparam as falas femininas às falas masculinas, no campo relativo às questões relacionadas à linguagem e ao sexo, mas não há referência à organização, ao processamento do discurso feminino em interação, veiculado especificamente pela mídia televisiva.

Assim sendo, justifica-se a pesquisa que focalize no processo interacional, o jogo discursivo e as estratégias utilizadas na construção da identidade feminina, a partir da seleção de um programa específico de debates da televisão brasileira, do qual somente participam mulheres, como é o caso do Saia Justa, exibido às quartas-feiras, às 22h30 min., pelo canal alternativo GNT, com o intuito de investigar o debate televisivo feminino, focalizando as estratégias argumentativas utilizadas na organização no processamento desse discurso.

O embasamento teórico assenta-se na Teoria da Argumentação de Perelman e Olbrechts-Tyteca (1996), nos trabalhos de Aebischer e Forel (1991); Tannen (1996) e outros relacionados aos gêneros sociais, nos trabalhos de Balogh (2002) sobre programas televisivos e numa breve discussão sobre gênero discursivo (debate) e mídia televisiva, segundo Aquino (2005).

II - DELIMITAÇÃO DO TEMA

É fato que se conhecem diversos estudos referentes ao gênero feminino, como os de Aebischer e Forel (1991), de West (1991), de Tannen (1996), que comparam a relação homem/mulher. Outros estudos, como os direcionados às questões da violência, também são privilegiados, porém, ainda não circulam trabalhos voltados à organização do discurso feminino e mais especificamente direcionados à análise das estratégias argumentativas utilizadas em um programa de debate, cujo suporte seja a mídia televisiva.

Por ser o estudo da argumentação um campo muito vasto, foi necessário delimitá-lo neste trabalho. Assim, foram examinadas algumas estratégias argumentativas recorrentes no momento da interação, destacando-se o emprego dos argumentos por associação, destacando-se o argumento de autoridade, a citação, o exemplo e a ilustração, durante o processo de construção do discurso.

Buscou-se responder aos seguintes questionamentos, os quais nos levaram aos objetivos da pesquisa:

- No novo processo identitário social veiculado pela mídia televisiva, qual o formato dos programas direcionados ao público feminino?

- Como se processa o discurso em um programa de debate televisivo em que as participantes são do sexo feminino.

- As marcas existentes no processo argumentativo do discurso feminino podem evidenciar que se esteja delineando um perfil específico de uma parcela das mulheres brasileiras?

Enfim, destacamos que nossa abordagem é descritiva e indica apenas algumas ocorrências no processo de construção do discurso feminino, no momento dinâmico da interação, não tendo a intenção de proceder a comparações ou generalizações.

III. OBJETIVOS

3.1 GERAIS

Contribuir para o desenvolvimento dos estudos do discurso, no que diz respeito à argumentação em língua portuguesa.

3.2 ESPECÍFICOS

Os objetivos específicos desta pesquisa são:

- 1- descrever o gênero discursivo, salientando o debate na mídia televisiva, tendo em vista a participação figura feminina e o processamento de seu discurso.
- 2- investigar, o formato dos programas televisivos veiculados para o público feminino;
- 3- examinar a questão dos gêneros sociais, para destacar a figura da mulher;
- 4- observar as marcas do processo argumentativo no discurso feminino que encaminham para a questão da identidade social.

IV. PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

A seleção do material para análise levou em conta a hipótese de que os programas televisivos femininos poderiam apresentar-se com forma e conteúdos diferentes daqueles de variedades transmitidos pelas emissoras, em relação a debates sobre temas universais, abrangendo um público com perfil diferenciado.

Nesse sentido, o *corpus* selecionado para análise direcionou-se ao programa Saia Justa, em razão de este apresentar um formato diferente dos demais programas transmitidos pelas emissoras de televisão, como já o dissemos. Os dados a serem trabalhados são resultantes de gravações de programas de TV, focalizando-se contextos de debate, cujas participantes são quatro personalidades femininas dos setores jornalístico e artístico-cultural da mídia televisiva. As

participantes são: a jornalista Mônica Waldvogel, daqui por diante (MW), a filósofa Márcia Tiburi (MT), a Atriz Luana Piovani (LP) e a Atriz Betty Lago (BL).

Foram realizadas várias gravações, na íntegra, de programas Saia Justa; entretanto, nem todas foram significativas para o estudo do que nos interessava: observar o posicionamento da mulher no debate de temas políticos, sociais e pessoais. Dessa maneira, foram selecionados três blocos significativos para os objetivos do nosso trabalho. Vale lembrar que, a cada transmissão, o programa apresenta-se em três ou quatro blocos e que, em cada um deles, discute-se um tema diferente.

As gravações foram feitas em DVD e CD, a fim de que pudéssemos observar fatores relevantes para análise. Essas gravações correspondem ao programa Saia Justa exibido pelo Canal G.N.T, às quartas-feiras. Um diferencial desse programa em relação aos de variedades é sua reprise em horários variados⁴. Da transmissão do dia 01/02/2006, selecionamos os blocos I e II e, do dia 08/02/2006, selecionamos o bloco III. Respectivamente, foram debatidos os seguintes temas: A devastação e a Corrupção; O ressentimento e O silêncio.

O conjunto dessas gravações perfaz um total de 90 minutos, correspondem a dois programas e encontra-se sob a forma de transcrição em anexo nesta pesquisa.

Os passos utilizados para as análises foram os seguintes:

1- a seleção e a transcrição do *corpus*;

⁴ Embora o programa seja exibido em um canal por assinatura, seus horários de reprise são diferenciados – sextas-feiras às 10h; sábados às 23h e aos domingos às 10h30min. O que nos parece significativo conforme nossa abordagem à página 81.

2- a análise dos dados a partir de trechos específicos selecionados no contexto interacional em que um tema é debatido;

3- a detecção dos argumentos e das estratégias argumentativas recorrentes, observadas no processo interacional e no contexto social das locutoras/interlocutoras entre si e com o público/telespectador.

Utilizou-se, para os propósitos da análise, a convenção de transcrição correspondente ao Projeto NURC/SP, a partir do que apresentam Castilho e Preti (1987:9-10), conforme quadro a seguir:

Ocorrências	Sinais
Incompreensão de palavras ou segmentos	()
Truncamento	/
Entonação enfática	maiúscula
Alongamento de vogal ou consoante	::
Qualquer pausa	...
Comentários descritivos	(())
Simultaneidade de vozes	[
Citações literais, reproduções de discurso direto, durante as gravações	“ “
Observações:	
1. Iniciais Maiúsculas: não se usam em início de períodos, turnos e frases.	
2. Fáticos: ah, éh, eh, ahn, uhn.	
3. Nomes de obras ou nomes comuns estrangeiros são grifados.	
4. Números: por extenso.	
5. Não se indica o ponto de exclamação.	
6. Não se anota o cadenciamento da frase.	
7. Podem-se combinar sinais. Por exemplo: alongamento e pausa.	
8. Não se utilizam sinais de pausa típicos da língua escrita, como ponto-e-vírgula, ponto final, dois pontos, vírgula. As reticências servem para marcar qualquer tipo de pausa.	

A indicação do trecho trabalhado nas análises será feita em itálico.

V. ORGANIZAÇÃO DO TRABALHO

Partes constituintes do trabalho:

Considerações Iniciais – indicamos a justificativa, os objetivos gerais e específicos relacionados ao tema selecionado, seguindo-se aspectos concernentes à constituição do *corpus*, à metodologia utilizada e à delimitação do tema.

Capítulo I – O Discurso e a Argumentação: as estratégias argumentativas no debate televisivo – este capítulo se desenvolve de maneira a conceituar a argumentação e a caracterizar o discurso argumentativo. Nele também se encontram delineados os conceitos de estratégias argumentativas, privilegiando-se o discurso feminino.

Capítulo II – Os gêneros sociais: a construção da identidade no discurso feminino – neste capítulo, procede-se, em um primeiro momento, a observações a respeito do gênero social feminino, como elemento constitutivo das relações sociais com base nas diferenças sexuais e nas diferenças lingüísticas ligadas ao sexo. Em um segundo momento, há um estudo a respeito da mulher como sujeito social, enfocando sua atuação desde a década de 70.

Capítulo III – O discurso feminino e a mídia, em que tratamos a respeito da mídia como principal meio de informação, bem como a influência do discurso televisivo na formação da opinião pública e no processo identitário social.

Capítulo IV – Análise do *corpus* – as abordagens direcionaram-se a conceitos de gêneros discursivos, tomando-se por base o debate, mais especificamente o debate da mídia televisiva.

Nas considerações finais, foram revisados os objetivos.

Anexos: Localizam-se as transcrições assim indicadas: Anexo A - Devastação e Corrupção; Anexo B – O Ressentimento; Anexo C - O Silêncio.

CAPÍTULO I

O DISCURSO E A ARGUMENTAÇÃO: as estratégias argumentativas no debate televisivo

“A linguagem é uma dialogia, ou melhor, uma ‘argumentalógica’; não falamos para trocar informações sobre o mundo, mas para convencer o outro a entrar no nosso jogo discursivo, para convencê-lo de nossa verdade”. (Oliveira; 2001:28)

1.1 A ARGUMENTAÇÃO

A revalorização da Retórica aconteceu na segunda metade do século XX, marcada por estudos no campo da Análise do Discurso, da Semântica Argumentativa entre outros. Com Perelman e Olbrechts-Tyteca (1958/1996) houve, na obra *Traité de l’argumentation*, o postulado do retorno à Retórica de Aristóteles. Os autores procuram desvendar os elementos de persuasão que podem ser capazes de levar o interlocutor à adesão à tese proposta.

Na década de 80, a argumentação ganhou terreno nos estudos lingüísticos, propiciando o surgimento da Semântica Argumentativa. Segundo Koch (2002a: 10), “o ato de argumentar é fundamentalmente lingüístico, uma vez que, a lingüística desloca sua visão para a fala e relaciona o discurso e a língua ao homem e à sociedade”. Ao argumentar, o locutor pode utilizar-se de estratégias, como a escolha do léxico, a utilização de máximas e ditados populares entre outros, para tornar seu discurso mais persuasivo e provocar a adesão do interlocutor. Ainda segundo Koch (op.cit.), “argumentar é levar a crer, é a arte de convencer e persuadir”, pois a linguagem, dotada de intencionalidade, age sobre o mundo, veiculando ideologias.

O discurso persuasivo tende a agir sobre os outros por meios afetivos e racionais, e é nessa linha de pensamento que Perelman e Olbrechts-Tyteca (1996) descrevem a argumentação como uma ação de um indivíduo, aqui denominado locutor, sobre um outro - auditório, com o objetivo de desencadear uma ação - adesão. Para os autores e outros que tratam da argumentação, todo discurso é argumentativo.

Ao analisar o trabalho dos estudiosos acima citados, Osakabe (1999) menciona a importância da Retórica para os estudos da linguagem, por não abranger apenas gêneros específicos, mas também todo domínio discursivo cuja finalidade seja a adesão.

Perelman e Olbrechts-Tyteca (1996), como já mencionamos no início deste capítulo, retomam a teoria clássica da Retórica aristotélica, e organizam O Tratado da Argumentação – A Nova Retórica, em que destacam, entre outros, os esquemas argumentativos e interessam-se pela relação entre quem sustenta uma tese e quem a recebe, atentando para os procedimentos discursivos que podem ou não transformar uma relação. Em seus estudos, os autores buscam mostrar os meios discursivos utilizados pelo locutor, para obter a adesão dos espíritos (auditório), utilizando-se do conceito social de linguagem, que a descreve como instrumento de comunicação e de ação sobre o outro.

Em relação aos auditórios, os autores caracterizam os mesmos como: universal - que é delineado pelo discurso de convicção, pelo uso das verdades filosóficas, isto é, pela busca do convencimento dos interlocutores, da evidência das ações apresentadas. Particular, que, por ser contextualizado, requer do locutor a

realização de uma ação imediata ou futura. Na argumentação utilizada para convencer, as noções de real, de verdadeiro e de evidência não são fixas.

Para cada auditório é necessário que o locutor selecione um mecanismo argumentativo específico, pois as estratégias utilizadas na argumentação dependem, entre outros, da relação entre o argumentador e o público. Para argumentar, deve-se levar em conta tudo o que se refere ao auditório, suas crenças, seus valores, tendo em vista observar-se para quem é dirigido o discurso.

Assim é que, se um pastor de uma igreja pretende que novos fiéis ingressem em sua fé, precisa convencê-los de que sua doutrina é incontestável. Para isso, deve utilizar-se de estratégias específicas do discurso religioso, que levem o auditório à adesão aos dogmas ali apresentados.

De acordo com a habilidade persuasiva do locutor, o auditório vai sofrendo modificações. A tendência do discurso persuasivo é fazer com que o auditório se identifique com o locutor e este, por sua vez, busque um ajuste, um acordo com o auditório. São esses acordos que propiciarão a seleção e apresentação dos dados e do modo com que os mesmos serão apresentados.

Perelman e Olbrechts-Tyteca (1996) afirmam que, é no ponto de convergência dado pela escolha e apresentação dos argumentos, pela amplitude da argumentação, que se dá a organização discursiva. Esta pode estar ligada não somente aos pontos de vista, mas à qualidade dos argumentos para produzir um determinado efeito no discurso que propiciará a comunhão com o auditório.

O discurso argumentativo supõe a disponibilidade de dois ou mais interlocutores, para confrontarem seus pontos de vista e argumentos. Segundo a

perspectiva da Nova Retórica, o desenvolvimento da argumentação é fundado nas instituições sociais. Essa teoria leva em consideração o sujeito do discurso, a subjetividade, os lugares comuns e as negociações entre os participantes. Essas concepções levam a crer no provável e não na verdade absoluta, mantendo a definição de verdade desenvolvida por Aristóteles, em sua retórica. Mosca (2004) afirma que, as relações sociais, políticas e econômicas são tecidas no mundo da opinião, uma vez que não se tem acesso ao que se poderia denominar de mundo da verdade.

Ao argumentar, o locutor não se limita apenas a expor algo a ser admitido como verdadeiro, mas tem de persuadir o interlocutor de que a conclusão, por ele apresentada a respeito de seus argumentos, é verdadeira. Para Perelman e Olbrechts-Tyteca (1996), a verdade é tudo aquilo que é aceito pelo grupo. Assim sendo, quem argumenta procura, através de estratégias específicas, convencer alguém de que a adesão a uma determinada tese é preferível à outra, implicando conscientemente ou não no estabelecimento de um acordo inicial.

No âmbito da argumentação, o locutor desenvolve discursos que prezam pelos efeitos de verdade, buscando persuadir o auditório. Nesse quadro teórico, levam-se em consideração as provas apresentadas, numa situação comunicativa. Elas são suscetíveis de diferentes interpretações, pois são marcas de subjetividade do orador e de seu auditório. Na argumentação, o que se apresenta como argumento é mais ou menos provável, pois muitas pessoas podem ser susceptíveis de serem convencidas de que os mesmos argumentos sejam verdadeiros, mas nem todas, necessariamente, concordarão com esta posição.

Ao analisarmos essa interação locutor/telespectador, é necessário ressaltar a importância de fatores paralingüísticos que, juntos aos fatores lingüísticos, resultam em efeitos de sentido, possibilitam detectar que o discurso não é neutro e que os participantes utilizam-se de estratégias para convencer ou persuadir o outro.

Dessa forma, um médico que pretende persuadir seu paciente a respeito dos malefícios do fumo, possivelmente utilizará, além dos elementos lingüísticos, os elementos paralingüísticos, como entonação da voz, exibição de fotos de pessoas afetadas por doenças causadas pelo fumo entre outros.

Para que o locutor obtenha adesão do público/telespectador, seu discurso deve ser coerente, consistente e crível. A argumentação será convincente, quando o locutor apelar à razão, ao julgamento de quem participa ou assiste ao confronto dos pontos de vista expostos no momento da interação. É possível ao locutor persuadir o interlocutor no momento em que reforça seus argumentos e desperta emoções, criando, desse modo, adesão às suas teses.

Em um debate político, por exemplo, em que os oponentes tentam exhibir seus planos de governo, há sempre o apelo à emoção do público/telespectador a respeito de futuros programas sociais que envolvam, principalmente, os idosos.

Perelman e Olbrechts-Tyteca (1996) fazem distinção entre persuasão e argumentação. Segundo os autores, a distinção está na dimensão do auditório, pois os discursos argumentativos dirigem-se a públicos particulares, capazes de avaliarem as idéias em confronto, já os persuasivos dirigem-se a públicos universais, pouco versados no tema em discussão, portanto, mais suscetíveis à sedução.

Para que haja adesão do auditório é preciso que o locutor desperte nele uma simpatia ou tenha por ele uma empatia. Nas campanhas eleitorais, muitos candidatos buscam essa simpatia do público, exibindo imagens no meio de comunidades carentes, passeando por feiras livres, com crianças carentes no colo. Esses elementos realçam a importância do locutor, pois ele tem de conhecer as características de seu interlocutor, construir dele certa representação ideal e saber calcular suas reações diante do que se pretende veicular como informação, tentando prever sua adesão aos argumentos que serão expostos. Segundo Caplow (1983), todo discurso é elaborado em função de um auditório.

Ao tomar a palavra, o locutor precisa desenvolver habilidades que permitam que seu interlocutor lhe preste alguma atenção. Perelman e Olbrechts-Tyteca (1996:23) afirmam que “o conhecimento daqueles que se pretende conquistar é, pois, uma condição prévia de qualquer argumentação eficaz, pois, esta visa modificar o outro”.

Segundo os autores, o locutor, em sua argumentação, tem de presumir um público/auditório mais próximo possível da realidade. Caso o locutor tenha de persuadir um público/auditório heterogêneo, deverá utilizar diversos argumentos, para conseguir a adesão desse auditório. É importante, também, levar em consideração o papel social que o locutor desempenha, isto é, de que lugar ele está falando, para que haja maior identificação do locutor com o público/auditório.

Assim, um ex-presidiário que se converteu a uma religião tornando-se missionário, constituindo família e inserindo-se novamente na sociedade, possivelmente terá mais sucesso ao apresentar seus argumentos, para reabilitar um

grupo de presidiários, do que uma Assistente Social com uma palestra a respeito de reabilitação e inclusão social.

De acordo com Perelman e Olbrechts-Tyteca (1996), os argumentos podem ocorrer por associação ou dissociação. Há na associação o princípio da solidariedade, cujo objetivo é aproximar os elementos estabelecendo entre eles uma relação de união. É considerada uma ocorrência positiva por caracterizar-se pela apresentação de argumentos quase-lógicos fundados na estrutura do real. Já, na dissociação, o princípio básico é a ruptura de elementos dentro de um conjunto, cujo objetivo é apresentar ao auditório os inconvenientes das relações estabelecidas indevidamente entre os elementos da argumentação. A dissociação caracteriza-se como ocorrência negativa em decorrência da utilização de idéias preconcebidas, utilizadas por uma pessoa para tentar superar as incompatibilidades e restabelecer uma visão coerente da realidade.

Trataremos da análise dos argumentos por associação que podem ser identificados por argumentos quase lógicos, pois segundo Perelman e Olbrechts-Tyteca (1996), são aqueles que seguem os padrões do raciocínio lógico, matemático e formal. Destacaremos os argumentos baseados na estrutura do real - aqueles que dependem das relações objetivas entre os elementos da realidade, que pode ser estruturada por associação de sucessão (causa e efeito), ou por associação de coexistência (argumento de autoridade) e, os argumentos que visam fundar a estrutura do real - aqueles que, a partir de um caso particular, estabelecem um modo geral (exemplo e ilustração).

Destacamos que argumentar é uma ação dinâmica e requer que os participantes considerem o outro como capaz de reagir e interagir no momento do

desenvolvimento do discurso. Para que essa ação se desenvolva com sucesso, há a necessidade da escolha de estratégias discursivas que fortaleçam esse discurso. Segundo Aquino (2005:109), “a seleção de estratégias ocorre num jogo duplo de interesses, dela depende a eficácia do discurso e, inclusive, a produção e a transformação da realidade”.

Dessa maneira, em uma situação discursiva, os participantes não apenas decodificam enunciados, mas constroem, através da utilização de um sistema compartilhado de conceitos, crenças e convenções, o sentido. A correspondência entre locutor e interlocutor necessita de estratégias básicas, para que haja dialogicidade. A seleção das estratégias é feita a partir do conhecimento que o locutor possui do interlocutor, pois a interação depende da situação comunicativa, da relação e conhecimento que os participantes têm um do outro. O efeito argumentativo se dá na ação e reação dos falantes perante os pontos de vista confrontados.

Ao selecionar os argumentos a serem utilizados, o locutor deve levar em conta o assunto a ser abordado e o público a que ele se destina. Se houver convergência entre os argumentos, haverá o fortalecimento dos mesmos e, conseqüentemente, a condução do interlocutor à conclusão objetivada.

Em nosso *corpus*, constituído por um programa com formato de debate de que participa um grupo feminino de participantes, interessa-nos estudar as estratégias argumentativas presentes na construção do discurso das locutoras/interlocutoras, para que observemos as marcas significativas e caracterizadoras desse discurso.

Destacamos a utilização de estratégias, como o argumento de autoridade, a citação, o exemplo e a ilustração, por serem mais recorrentes no processo de construção discursiva dos temas debatidos pelas participantes da interação. Faremos uma breve abordagem da teoria que se aplica a tais argumentos, nas páginas a seguir, retomando os conceitos teóricos e exemplificando-os no capítulo destinado às análises do *corpus*.

1.2 ESTRATÉGIAS ARGUMENTATIVAS: O ARGUMENTO DE AUTORIDADE

As estratégias argumentativas apresentam-se nos mais variados gêneros discursivos, apoiando-se em recursos lingüísticos e paralingüísticos que constroem e/ou reforçam sua eficácia. Entende-se por estratégias argumentativas todos os recursos (verbais e não-verbais) utilizados para envolver o interlocutor, para impressioná-lo, para convencê-lo melhor, para persuadi-lo mais facilmente, para gerar credibilidade. Uma das estratégias mais eficientes para a persuasão do interlocutor é o argumento de autoridade, pois utiliza a citação para fortalecer a tese do argumentador. Esse argumento pode, também, ser considerado de presença e de comunhão (cf. Perelman e Olbrechts-Tyteca, 27 deste trabalho), pois dá o efeito de presença do objeto do discurso na consciência, levando, dessa forma, à comunhão com os interlocutores.

O argumento de autoridade é utilizado para fazer prevalecer um posicionamento próprio ou silenciar o de um opositor. Locke ⁵ (1998) afirma que, uma pessoa, quando adquire certo nome ou autoridade na sociedade, realça a modéstia dos terceiros que pouco questionam o posicionamento daqueles que têm essa específica qualificação.

Ao utilizarmos o argumento de autoridade, trazemos à discussão a opinião de um *expert* no assunto em questão. Assim, se estivermos falando do lugar de biólogos a um grupo de educadores que defendem a idéia de que, para ensinar ciências, basta conhecer física, química e biologia e, se quisermos mostrar a eles que o ensino das ciências vai além desses conhecimentos, podemos nos utilizar do argumento de autoridade de *experts*, como Campos e Nigro, que possuem um vasto estudo no campo da Didática das ciências.

O argumento de autoridade colabora com a construção do “eu” discursivo, marcando o conhecimento cultural e histórico do locutor, fortalecendo dados e explicitando o caráter dialógico de seu discurso. Representa o aval para a veracidade da tese sustentada pelo argumentador. O efeito persuasivo do argumento de autoridade está em se presumir o conhecimento da autoridade e seus posicionamentos acerca da tese a ser comprovada.

Gaspar (1998) define argumento de autoridade como argumento psicológico de grande peso, aquele a partir do qual o orador abona sua opinião no ensinamento de um autor renomado, ou de um texto consagrado, fora de qualquer suspeição.

⁵ apud. GASPAR, A. In: *Instituições de Retórica Forense*. Minerva: Coimbra 1998.

Aproveitando-se da humildade do interlocutor e de seu conhecimento menor a respeito da tese sobre a qual a autoridade disserta, o apelo à autoridade, mesmo sendo funcional, deve observar alguns princípios, para que a fonte não seja tomada como absoluto meio de atribuição de valor a uma conclusão, uma vez que essa mesma fonte pode vir a ser duvidosa. Um dos princípios a ser observado é o de que a autoridade invocada coincida com a opinião dos interlocutores. Para isso, o locutor deve, como já citado à página 27, levar em conta o assunto a ser abordado e o público.

Quando o argumento é submetido ao contraditório, há um agravante, pois se constata que a autoridade é valorizada ou desvalorizada, conforme coincida ou não com a opinião dos locutores/interlocutores. A parte contrária combate o argumento com a manifestação de outra autoridade, na qual sustenta a tese diversa. Para que haja sustentação argumentativa, deve-se contar com as provas materiais de sua conclusão; isso fará com que o argumento seja mais eficiente. A melhor defesa diante do argumento de autoridade é o aprofundamento na questão, pois, se houver opinião diversa, é provável que outra autoridade a tenha articulado.

A citação constitui o argumento de autoridade e conforme Perelman e Olbrechts-Tyteca (1996), pode representar um elemento de uso mais comum de argumento de autoridade, presença e comunhão. A utilização da citação como argumento de autoridade pode ser uma estratégia eficaz na produção de efeito de sentidos ao se estabelecer uma coerência entre a tese estabelecida pelo autor (ou ao menos um ponto forte que deseje comprovar) e o posicionamento da autoridade, o argumento se torna mais forte.

Nossas análises irão direcionar-se, em um primeiro momento, sobre a citação, que auxiliará no fortalecimento dos pontos de vista expostos pelas locutoras a respeito do tópico abordado. Há na construção discursiva das participantes da interação, a inclusão de autoridades que corroboram com o fortalecimento do discurso, criando um efeito de verdade sobre o ponto de vista exposto. De acordo com o desenvolvimento do tópico, observa-se um equilíbrio na exposição dos pontos de vista, que deixa clara a idéia de um prévio acordo entre as participantes, sobre o tema abordado. Esse acordo é possível, porque as locutoras/interlocutoras pesquisam antecipadamente a respeito dos temas a serem debatidos no programa a ser exibido. Isso fica claro, porque em diversos momentos do programa, as interlocutoras sinalizam com “como eu tava te contando antes” (anexo I, lin.26, p.110). As locutoras/interlocutoras procuram fortalecer seus discursos utilizando-se de argumentos, como o exemplo e a ilustração, certamente para criar um elo identitário com o público telespectador.

1.3 O ARGUMENTO PELO EXEMPLO E PELA LUSTRAÇÃO

Os estudiosos da Nova Retórica, Perelman e Olbrechts-Tyteca (1996), ressaltam a eficácia do exemplo e da ilustração dentro dos estudos argumentativos do texto. Esses pesquisadores fazem uma comparação entre esses dois recursos. De modo geral, para eles, o exemplo serve para que se aceite nosso raciocínio, fundamenta a regra; já a ilustração reforça a adesão a uma regra conhecida e aceita, fornecendo casos particulares que esclarecem o enunciado geral. Esses

recursos, ao serem utilizados, podem colaborar tanto para a compreensão do discurso, tornando-o mais claro e auxiliando no efeito de sentido almejado pelo orador, quanto, e sucessivamente, para fortalecer a argumentatividade do texto. O locutor argumenta pelo exemplo, quando tira uma conclusão dos fatos que alega, e esta vai ao encontro de seus pensamentos.

Quando se recorre à argumentação pelo exemplo, fica claro que há um certo desacordo em relação à regra particular que este fundamenta, supõe-se um acordo prévio sobre os efeitos de inércia. Segundo Perelman e Olbrechts-Tyteca (1996), a passagem do exemplo à regra é uma forma de raciocínio que apela para a inércia, o que o difere da ilustração.

A ilustração, em geral, corrobora com o exemplo, dando credibilidade aos acontecimentos. Ela visa ao aumento do efeito de presença do auditório. Segundo Perelman e Olbrechts-Tyteca (op. cit.), a ilustração pode ser duvidosa, porque dela não dependerá a adesão às regras. Nesse caso, o orador deve utilizar-se de elementos que impressionem o auditório, para que lhe imponha a atenção. Ela pode ser utilizada como elemento de indução e como testemunho. Ambos os casos servem para fortalecer o tema debatido e o exemplo inserido nesse tema. Segundo os autores, a ilustração tem por objetivo conferir a presença, portanto, às vezes, deverá ser desenvolvida e conter detalhes concretos, para não ser mal interpretada.

A utilização de determinadas estratégias argumentativas faz que as mulheres, integrantes da interação, fortaleçam seus pontos de vista e possam construir, a partir desse discurso, uma identidade social.

CAPÍTULO II

OS GÊNEROS SOCIAIS: A CONSTRUÇÃO DA IDENTIDADE NO DISCURSO FEMININO

2.1 A NOÇÃO DE GÊNERO SOCIAL

Um novo olhar antropológico levou à observação de que seria necessário repensar a realidade, voltar a observar a mulher e estudá-la, para que se pudesse descobrir como ela estava e, como está vivendo; não somente da ótica dos imperativos biológicos, mas também culturais impostos à mulher e ao homem pelo simples fato de sê-los.

Os feministas americanos encontraram em um dos sentidos tradicionais do termo *gender* a denominação para seus estudos que buscavam descrever a importância do fato cultural de ser homem ou mulher e as construções culturais associadas a eles.

Esses estudos inscreveram-se em uma corrente denominada “Gender Theory” ou “Gender Studies” e propiciaram o surgimento de uma bibliografia importante que, aos poucos, foi ganhando terreno nas universidades.

Entre os anos 60 e 80, essa corrente se estendeu por todo o mundo, porém, desigualmente, principalmente no mundo ocidental. Os ambientes feministas e os departamentos universitários que possuíam material com esse enfoque e que poderiam ser revisados, começaram a utilizar o termo em inglês, adaptando-o as suas línguas. Os primeiros títulos só apareceram por volta da década de 80 com o surgimento de projetos relacionados à promoção da mulher na América Latina e com as revisões teóricas no campo da Psicologia e Antropologia.

Juan Fernández (1996), um dos primeiros autores a utilizar o termo *gender* e a difundir seu uso, afirmava que não existia, até aquele momento, uma definição

clara e consensual de *gênero*. Observa-se, porém, que seguindo as diretrizes dos primeiros pesquisadores, caberia dizer que essa expressão, ao ser utilizada, referiu-se sempre às características consideradas socialmente apropriadas para mulheres e homens, dentro de cada segmento social.

2.2 A QUESTÃO DO GÊNERO SOCIAL

Aebischer e Forel (1991), em seus estudos, afirmam que as primeiras observações sobre as diferenças lingüísticas ligadas ao sexo tiveram início a partir do século XVI. As descrições de linguagens de mulheres de países asiáticos, africanos e americanos enfocavam, sobretudo, as diferenças de linguagem e comportamento entre homens e mulheres. Os estudos comparativos de culturas foram fundamentais, porque demonstraram que o comportamento masculino ou feminino varia de acordo com a cultura.

Desde meados do século XX, vem sendo abertos caminhos para uma nova visão da cultura, voltando-se o olhar para a mulher que, ao longo da história, foi quase ignorada ou permaneceu escondida atrás do homem. Todas as pesquisas feitas nesse campo foram muito significativas, mas somente na década de 70, com o movimento feminista, é que houve o desenvolvimento de uma disciplina que objetivasse o significado do sexo e o papel sexual na utilização da linguagem. É a Antropologia que leva o conceito de *gênero* para o campo dos estudos sobre a mulher, e são esses conceitos antropológicos que utilizaremos como referência para

a definição de *gênero* e *sexo*⁶. Sob o substantivo *gênero*, agrupam-se os aspectos psicológicos, sociais e culturais da feminilidade e da masculinidade, ficando para o *sexo*, os componentes biológicos, anatômicos e a designação do intercâmbio sexual propriamente.

De acordo com Malheiros e Grossi (1990), a utilização da categoria *gênero* social, no Brasil, deu-se a partir do final dos anos oitenta, embora a questão das relações de *gênero* social não estivesse presente muito claramente nas pesquisas realizadas sobre o tema mulher.

O conceito de *gênero* social, ainda que ligado a diferentes áreas de conhecimento, tem o sentido de construir uma categoria nova para as questões abordadas nesse campo de estudo, expondo a idéia de que as identidades dos *gêneros* sociais se constroem de forma relacional e dinâmica. Stoller (1993) afirma que, por encerrar um comportamento psicologicamente motivado, a feminilidade e a masculinidade são identidades do *gênero* social. A autora defende a idéia de que há uma mescla de feminilidade e de masculinidade em todas as pessoas, mas em forma e grau diferentes. Atualmente, há duas categorias de teorias para a questão do *gênero* social. Uma delas explica o conceito de maneira descritiva; outra sugere que as informações a respeito das mulheres são necessariamente informações sobre os homens e que o estudo de um implica o estudo do outro.

Ao buscarmos o sentido dos termos feminino e masculino em nossa língua, percebemos que estes refletem a construção cultural do povo que os nomeiam, a

⁶ O conceito de gênero desenvolveu-se nas ciências humanas, especialmente nos estudos Antropológicos e aponta para o fato de que sexo e gênero são duas realidades diferentes, embora aconteçam juntas. Sexo está ligado à determinação sexual macho e fêmea (homem/mulher) e gênero está ligado às relações sociais. O feminino e o masculino são construções sociais simbólicas que podem variar de uma sociedade a outra.

partir de características dominantes advindas de instituições sociais, como escola, igreja; normas e valores sociais instituídos e adotados como código de conduta social, situações histórico-sociais e ideologias. A respeito da situação histórico-sócio-ideológica, Kehl (1992:485) afirma:

(...) embora grande parte do que move as pessoas, a matéria intuitiva que constitui as paixões, seja inerente ao que venho chamando de condição humana, a forma que as paixões adquirem, a maneira como se expressam, a valorização positiva ou negativa de cada uma delas, tudo isso está permeado por essa modalidade de expressão e de visão de mundo de cada cultura, o que costumamos chamar de ideologia.

O *gênero* social é um elemento constitutivo das relações sociais com base nas diferenças sexuais. De acordo com Scott (1995), é uma forma primária de dar significado às relações de poder, ou seja, torna possível agir sobre a ação do outro, permitindo que se abra um campo de ação, reação, respostas e novas invenções na vida social, econômica e política em que o poder é articulado. A constituição das relações sociais com base na diferença entre sexos implica quatro elementos que se inter-relacionam.

O primeiro elemento diz respeito aos símbolos culturalmente disponíveis que evocam representações simbólicas e freqüentemente contraditórias. Um exemplo dessa contradição, citado por Scott (1995), corresponde à figura de Maria (pureza) e à figura de Eva (impureza). O segundo está relacionado aos conceitos normativos que são interpretações dos significados dos símbolos, tentando limitar e conter as possibilidades metafóricas. Esses conceitos são expressos pela religião, escola, política, afirmando categoricamente o significado do homem e da mulher, rejeitando ou reprimindo o que não seja masculino ou feminino.

O fato de que um homem não possa ter um comportamento dócil ou emotivo e de que uma mulher não possa ter um comportamento bruto diz respeito às relações existentes entre virilidade para o homem e feminilidade para a mulher. O terceiro elemento aborda a importância da atuação no sistema macrossocial, incluindo o político em relação às instituições e organizações sociais. A maioria dos estudos de representação de gêneros não inclui a noção de político⁷ como sendo a resistência ou coerção a que foram submetidas as mulheres. Por fim, o quarto elemento diz respeito à noção da identidade subjetiva⁸ a partir da formação de conceitos e preconceitos, da compreensão da linguagem como formadora do psiquismo e dos símbolos que prendem os sujeitos às normas elaboradas para o exercício da subjetividade. Isso nos faz relacionar as questões do gênero social às do desenvolvimento do papel da mulher na sociedade.

2.3 A MULHER COMO SUJEITO SOCIAL

A identidade de homens e mulheres configurou-se, no decorrer da história, a partir da dicotomia entre as esferas “pública” e “privada”⁹, atribuindo-lhes papéis, atitudes e valores definidos de acordo com modelos naturais. Com o desenvolvimento do movimento feminista, na década de 70, houve a crítica sobre a rigidez das oposições binárias homem/mulher, como categorias explicativas.

⁷ Sem conotação partidária, entende-se o termo “político” como a preocupação em mostrar para a sociedade uma pessoa autônoma, crítica, reflexiva, solidária, cuja soma de todas as características resulta num ser igual ao todo. (grifo da autora)

⁸ Identidade subjetiva - viver o exercício da sexualidade a partir dos conceitos de papéis sociais, de masculino e feminino, de normalidade e anormalidade, de pureza e impureza. (Scott, 1995).

⁹ Segundo Scott (1990), público refere-se a político e privado refere-se a apolítico.

O movimento feminista contemporâneo buscou referenciais que permitiam integrar homens e mulheres nas suas relações, no desenvolvimento dos processos sociais. Scott (1990) apresentou como contribuição a proposta do uso do *gênero* social como categoria de análise a partir de uma definição abrangente, possibilitando a compreensão das relações entre *gênero* e a constituição da sociedade, incluindo necessariamente a dimensão política.

As indagações feministas, diante das novas abordagens político-sociais, suscitaram questionamentos que possibilitaram a visualização da mulher como agente integrado aos processos sociais, despertando inquietações nas diversas áreas das ciências humanas, como a Antropologia e outras ligadas às questões sociais.

A História, a Antropologia e a Sociologia levantaram dados que evidenciaram as atividades femininas nos espaços públicos, como alguns exemplos já citados nas considerações iniciais (p.16), envolvendo intermediações e relações múltiplas que dificilmente se enquadrariam em pólos dicotômicos (masculino/feminino), não podendo ser consideradas exclusivamente da esfera privada.

Várias são as pesquisas que propõem a reavaliação desses conceitos ideológicos, da participação feminina no espaço público e, dentre elas, a reavaliação do político no campo da história social do dia-a-dia. Scott (1990) refere-se à política e ao poder como territórios praticamente inexplorados, na medida em que a história política resistiu à inclusão de materiais ou questões acerca das mulheres e do *gênero* social.

Como a definição do conceito político referia-se especificamente ao sexo masculino, sugeriu-se a revisão dessa definição com base nas formas do

crescimento expressivo feminino na esfera política, em determinados contextos históricos, como a participação da mulher no movimento pelo voto feminino, no movimento pela conquista de direitos semelhantes aos concedidos aos homens no campo profissional, entre outros. Embora as investigações a respeito da questão feminina tenham-se expandido, as reflexões teóricas sobre o papel das mulheres no campo político continuam escassas.

Na história da luta feminina, as mulheres reivindicaram direitos diferentes em relação aos homens, e esse interesse foi defendido dentro do discurso político. Essa representação política do discurso feminino possibilitou que se pusesse em evidência um sujeito constituído pelo discurso. Um dos fatores dessa constituição, segundo Kehl (2000), foi a crescente produção literária do século XIX, quando a mulher passa da posição de objeto do discurso para a de sujeito deste. Uma pesquisa do IBGE (Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística) afirma que, nos últimos dez anos, houve um crescimento relativo de 36,6%, na proporção de lares brasileiros que têm como responsável alguém do sexo feminino, muitas delas com salários superiores aos dos maridos.

A busca do movimento feminista vai além da idéia de igualdade, com relação aos homens, pois marca uma diferença identitária, deixando evidentes diferentes identidades à procura de uma categoria que represente politicamente todas as mulheres, isto é, inclui-se um novo perfil de mulher. Muitas das mulheres da atualidade trabalham, cuidam da casa e da família, declaram Imposto de Renda, auxiliam ou mantêm financeiramente suas casas e vêm conquistando espaço no mercado de trabalho.

Essa categoria fez com que surgissem diferentes perspectivas identitárias. No essencialismo, a identidade é posta como fixa, algo que é inerente ao ser, isto é, a pessoa não se modifica. Em oposição à perspectiva essencialista, Beauvoir¹⁰ afirma que uma pessoa não nasce mulher, se torna mulher, que o *gênero* social independe do corpo ser feminino ou masculino. As discussões sobre identidade feminina foram ampliadas em decorrência das diversas concepções dadas à noção de *gênero* social. A busca por representação única para as mulheres através da identidade política foi muito defendida pelas feministas.

A universalização da identidade feminina deu-se, possivelmente, porque o discurso político¹¹ é submetido às normas para legitimar-se. Entretanto, ao mesmo tempo em que inclui o gênero feminino revelando uma identidade para as mulheres, observa-se que o mesmo discurso tem um papel excludente, pois limita e distorce a inclusão da representação de outras identidades na categoria “mulher”.

A representação feminina possui um formato discursivo e jurídico do próprio sistema que a exclui. Mesmo que esse sistema represente as mulheres, essa representação é limitada a um discurso no qual prevalece o gênero masculino. O gênero masculino é considerado socialmente político e o feminino, socialmente apolítico. Segundo Scott (1990), essa perspectiva foi obtida através de explicações advindas da equação Homem=Público, Público=Político, logo, Homem Político; Mulher=Privado, Privado=Apolítico, logo, Mulher Apolítica. Essa idéia a respeito da não participação da mulher na esfera política surgiu dos primeiros estudos sociológicos feitos no Brasil, sobre a participação da mulher na área político-

¹⁰ In : BUTTLER, J. (1990). *Gender Trouble*. Feminism and Subversion of Identity. Routledge: New York.

¹¹ Entendemos como político, neste momento, o discurso construído na esfera social que estabelece as normas e padrões a serem seguidos.

partidária e referiam-se à omissão da mulher, ao tradicional papel passivo nos acontecimentos políticos. Novas abordagens antropológicas e sociológicas vêm-se desenvolvendo no intuito de reavaliar o conceito ideológico sobre o que é “político” como domínio masculino, e no que se refere a formas de expressão feminina em determinados contextos históricos.

Blachman (1976), preocupada com a relação mulher/política no Brasil, refere-se à participação das mulheres na política organizada, como sendo limitada. A revisão proposta a respeito da participação política feminina levanta como ponto fundamental a ampliação do conceito de política, atividades convencionais e não convencionais, possibilitando a redefinição dos espaços de atuação das mulheres e interpretando melhor o “público” e o “privado”.

Essa reivindicação de revisão politiza o privado e situa a mulher como sujeito político, presente na esfera pública, em movimentos sociais, campanhas políticas, movimentos revolucionários. Mesmo partindo da esfera privada, as mulheres podem agir politicamente, utilizando recursos específicos para caminhar em espaços que cruzam o “público” e o “privado”.

As mulheres brasileiras, nas últimas décadas, têm firmado sua cidadania através de movimentos e ações sociais ligadas ou não a instituições políticas, reconhecendo-se sua posição de destaque na diferenciação dos *gêneros* e constituindo-se como sujeitos sociais.

Outros estudos a respeito dos gêneros sociais, relacionados às diferenças de linguagem, também tiveram grande importância para explicar a criação dos estereótipos referentes à linguagem, ao sexo e ao comportamento homem/mulher.

2.4 OS GÊNEROS SOCIAIS E A DIFERENÇA DE LINGUAGEM

O estudo do *gênero* social e das diferenças de linguagem relacionadas ao *sexo* foi inaugurado por Frazer (1900). Ele denomina “gênero subjetivo” a diferenciação lingüística ligada ao *sexo* e “gênero objetivo” o *gênero* propriamente dito.

Muitas foram as pesquisas e publicações americanas a respeito dessa diferenciação lingüística, enfocando principalmente o estudo da estrutura da língua, o estudo da história da língua e da possibilidade de planificá-la sistematicamente, e o estudo da utilização da língua.

Embora não seja nossa intenção focar as diferenças entre a fala feminina e a fala masculina, citaremos a posição de alguns pesquisadores que se dedicaram a esses estudos, para que possamos melhor situar o *gênero* social feminino. Tais nomes giravam em torno da preocupação em saber as diferenças entre o falar dos homens e o das mulheres e versavam sobre o que determinava o estatuto inferior das mulheres. O que importava não era o método empregado para detectar essas diferenças, pois a linguagem do homem era tomada como norma, chegando a ponto de se ter recomendações de que as mulheres deveriam começar a falar como homens, para conseguirem ser levadas a sério e poderem disputar cargos de responsabilidade. Dessa forma, passou-se a reforçar os estereótipos da mulher.

Os estereótipos encontrados na maioria dos estudos sobre os gêneros sociais dizem respeito à linguagem e ao sexo com relação ao comportamento homem/mulher. Aos homens atribuíam-se as características de serem objetivos, racionais, seguros, enquanto às mulheres se atribuíam as características de emotividade, irracionalidade e pouca segurança em si. Aebischer (1991) afirma que, a cada fala de uma mulher, um julgamento se liga a sua enunciação, associando, muitas vezes, essa fala à tagarelice. O importante, na questão dos estereótipos, é saber o que está em jogo na diferenciação sexual, repensando a linguagem como veículo e instrumento de representações e comportamentos.

É sabido que mudanças sociais acarretam uma revolução no nível lingüístico-discursivo, porém, de acordo com Galli de'Paratesi (1991), ainda não existem estudos profundos que comprovem essas mudanças. Segundo a autora, a mulher não está fora dessas mudanças sociolingüísticas. A relação existente, por exemplo, entre a condição feminina e o tabu lingüístico pode ser esclarecida levando em consideração a posição da mulher durante a interação, podendo ela ser o objeto da interação ou a locutora/interlocutora da mesma. No caso de comunicação entre mulheres ou entre mulheres e parceiros do sexo oposto, Galli de'Paratesi cita que há diferenças consideráveis, principalmente no que se refere ao vocabulário, mais especificamente ao uso das palavras interditas – tabus.

As palavras tabus aparecem de forma irracional, como insultos e exclamações. Até a década de 70, essas palavras eram empregadas, em sua maioria, pelos homens. Os jovens passaram a utilizar esses termos com tal freqüência que, os mesmos, acabaram perdendo boa parte do seu significado, de sua força. Atualmente, podemos afirmar que os locutores, homem ou mulher, têm a

tendência de empregar com maior frequência termos que outrora eram considerados tabus.

Pode-se dizer, porém, que o uso de palavras tabus pelas mulheres aumentou consideravelmente em relação ao uso que os homens fazem delas. Segundo Galli de'Paratesi (1991), do ponto de vista quantitativo, as mulheres empregam maior número de palavras tabus do que o faziam antes. Isso significa que, nas novas gerações, o emprego de palavras tabus, pelas mulheres, é maior do que o emprego que os homens fazem das mesmas. Do ponto de vista qualitativo, ainda segundo a autora, a diferença da escolha dos termos desapareceu, sobretudo entre os jovens. Sem dúvida, as mulheres, como sinal de liberação, apropriaram-se de um vocabulário outrora considerado masculino, criando a impressão de identificação com o homem.

Sem entrar no exame detalhado do campo semântico das palavras tabus, como as utilizadas para insulto, a autora exemplifica com o vocábulo “fottere” que anteriormente era utilizado como ato sexual e que, atualmente, determina – de acordo com o contexto – força, vitória, não se importar com nada. O mesmo acontece no Brasil, onde não só as mulheres têm acesso a todo esse vocabulário, como não é mais proibido usá-lo na presença delas. A revolução social a que estamos assistindo atualmente tem enorme alcance e é ampliada igualmente pelos meios de comunicação de massa. As palavras tabus já estão sendo incorporadas à linguagem cotidiana, mas ainda determinam o papel social do locutor.

Essa preocupação com a linguagem e os significados nela contidos foi o ponto de partida para as pesquisas de Aebischer e Forel (1991), relacionadas às questões do *gênero* social, do desenvolvimento e da representação da mulher como sujeito social.

A ampliação da representação do sujeito, bem como a extensão do entendimento de sua condição, está ligada à superação da linguagem e da política dominante. Desse modo, o sujeito será não somente o que representa, mas o que o é. A escolha de um sujeito delimitado e lingüístico é determinada pelo campo político e lingüístico no qual ele se representa. Com Butler (1990), entendemos que o critério de formação do sujeito e o resultado da representação estendida para que se possa reconhecê-lo, como sujeito, é antecipado pelo domínio de representação política e lingüística que ele possui.

No campo lingüístico, para ser compreendido discursivamente, é necessário que o sujeito se adapte à linguagem que, de acordo com Silva (2000), se constrói numa cadeia de diferenciação lingüística formando conceitos. Os conceitos só têm sentido se estão relacionados por sua oposição; portanto, o conceito de gênero feminino só existe, porque está relacionado com o de gênero masculino, distingue-se dele (isto é perceptível pela visualização comparativa de gráficos), quanto às oportunidades no mercado de trabalho e aos cargos na esfera política do país. Além disso, distanciam-se, muitas vezes, culturalmente e discursivamente. E é nesse enfoque discursivo que procuraremos discorrer a respeito do discurso feminino, especificamente na mídia televisiva.

2.5 O DISCURSO FEMININO NA MÍDIA TELEVISIVA

O olhar da mídia para as mulheres, na maioria das vezes, é feito para mulheres e não pelas mulheres e dirige-se ao olhar masculino, em primeiro lugar, que é um olhar coisificado, com estereótipos sobre o feminino. Há nesse olhar uma construção do conceito sobre o gênero feminino, em que a idéia de gênero feminino não aparece.

Esse olhar produz imagens que dependem de certas conveniências mercadológicas, isto é, daquilo que se quer vender via novelas, entrevistas, publicidades, enfim, sobre o que se pretende fazer parecer a voz da mulher.

Entendemos com Lipovetski (2000) que a imagem da mulher competente dentro de casa ou na profissão é criada, mas não é questionada, porque a mulher mostrada em primeiro plano não é a mulher em si, mas sim outros valores transmitidos pela presença da mulher na televisão, nas entrevistas ou publicidades. É compreensível que o público tenha maior interesse por programas em que mulheres tenham função dupla, isto é, sejam profissionais que resolvam problemas e carências e também sejam mães e esposas vigilantes e prestativas. Isso faz que se obtenha uma representação feminina que tem como base a atenção aos outros, a sensibilidade, a intuição, a correção profissional e a competência na posse do saber científico. Segundo esse estudioso, tudo se passa como se a nova legitimidade do poder feminino só pudesse se afirmar socialmente moldando-se à imagem arquetípica do feminino.

Sem dúvida, as mudanças sociais ocorridas no mundo a respeito dos movimentos feministas modificaram as representações coletivas que, por consequência, repercutem na mídia, atualizando e disseminando novas possibilidades de atuação feminina na sociedade, trazendo à cena uma mulher que fala, reivindica e recomeça. Nesse contexto é que se concentra a busca pelo lugar social e pelo acesso ao mundo público, deixando um território em que a mulher não existia em si, mas era apenas apêndice dos outros.

Pode-se dizer que a mídia ampliou o coro das críticas contra a desigualdade dos papéis sociais entre homens e mulheres, mostrando, por exemplo, em peças publicitárias, mulheres que trabalham e conquistam seu espaço, mesmo tendo marido e filhos trazendo, para as mulheres contemporâneas, a possibilidade de conquista da vida pública. Essa entrada no mundo do trabalho foi orientada pela necessidade de autonomia - embora o trabalho, muitas vezes, não tivesse um caráter emancipatório, pois estava envolto, ainda, em uma nítida valorização do masculino. Segundo pesquisas por amostras realizadas pelo IBGE (2003), o rendimento das trabalhadoras brasileiras cresceu quase o dobro da média nacional entre 1993 e 2001; porém, essas pesquisas indicam que o salário da mulher em relação ao homem, para a mesma função, ainda é menor em algumas empresas.

Ainda no começo dos anos 60, as mulheres invocavam motivos econômicos para justificar sua atividade profissional: melhorar a renda familiar, permitir que os filhos continuassem seus estudos. Apenas uma minoria de mulheres reconheceu trabalhar por gosto, ou para ser independente. O trabalho fora do lar é, no mais das

vezes, considerado secundário, subordinado aos papéis familiares. Mesmo quando é necessária a subsistência da família, a atividade profissional feminina é considerada sem valor próprio.

O discurso da mídia televisiva tem mantido uma consonância com as correntes teóricas que percebem o movimento feminista como desdobramento do individualismo moderno.

Alguns programas direcionados ao público feminino vêm conquistando espaço, por trazerem implícito, em seus discursos, o nascimento de uma mulher como sujeito integralizado, que rejeita a opressão, as atitudes que cerceiam a liberdade. Programas que têm à frente mulheres, como Adriane Galisteu; Hebe Camargo; Marília Gabriela; Mônica Waldvogel entre outras, mostram uma mulher que tem conhecimento dos valores do indivíduo moderno, em que as noções de liberdade e igualdade associam-se a um maior individualismo e também a uma maior possibilidade de prazer; uma mulher que traz em seu discurso as bases argumentativas necessárias para a defesa de seus pontos de vista, valorizando o discurso feminino na mídia televisiva.

CAPÍTULO III

OS GÊNEROS SOCIAIS: a construção da identidade no discurso feminino

A televisão é o resultado de um complexo processo de evolução e entrelaçamentos entre os campos da tecnologia, das comunicações e das artes. (Balogh, 2002)

3.1 A INFLUÊNCIA DA MÍDIA NO PROCESSO DE FORMAÇÃO IDENTITÁRIO SOCIAL

O Brasil do século XX experimentou várias mudanças sócio-econômicas e tecnológicas. O capitalismo, com seu dinamismo, deu ao homem características de informado, autônomo, criativo e adaptável às instabilidades. De acordo com Bauman (1998), aqueles que não se adaptassem a esse mundo tecnológico passariam a ser excluídos.

A organização econômica das sociedades contemporâneas, de acordo com Chouliarak & Fairclough (1999) e Fridman (2000), vive sob o impacto da especialização flexível. As tarefas foram descentralizadas e os trabalhadores pressionados a se adaptarem às novas habilidades, tudo isso em decorrência das inovações tecnológicas. Essas inovações fizeram surgir as várias mídias, que tinham como uma das principais mudanças a instalação da indústria da comunicação, em que a TV, chegada ao Brasil na década de 50, era o destaque. Esse grande avanço tecnológico, com fácil acesso a um grande número de informações, poderia ter conseqüências positivas, como o desenvolvimento do julgamento crítico e ético sobre temas que fazem parte do cotidiano, alimentando, de forma despretensiosa, o universo sensorial, ou conseqüências negativas, como a hiper-exploração das

emoções, fantasias, desejos e medos, através de fórmulas estratégicas de sedução para o consumismo desenfreado e dependência, em que o real e o imaginário se confundem na esfera social.

Quando se trata do mundo da informação, os avanços tecnológicos abrem caminhos para novas experiências e novas possibilidades de relacionamento à distância, através dos meios de comunicação impressos ou eletrônicos. A atividade social passou a transcorrer em grandes distâncias espaço-temporais, onde indivíduos e grupos vivem relações globalizadas em práticas locais midiáticas, ultrapassando, segundo Chouliaraki & Fairclough (1999), a barreira de tempo / espaço, possibilitando a circulação do conhecimento renovado e de novas formas de interação à distância sem sair da comodidade de seus lares. A predominância da mídia, na constituição do universo simbólico das grandes massas, é uma marca do processo da globalização e comunicação instantâneas da contemporaneidade.

A cultura midiática vem adquirindo, ao longo dos anos, significado de instituição produtora de sentidos, afetando todos os segmentos sociais. Thompson (1998) afirma que a mídia contemporânea tem um papel crucial na construção identitária, pois nossos significados passam a ser também construídos pelos discursos midiáticos, embora haja outros discursos de grande influência, como os da escola, da família e da religião, entre outros.

Para esse estudioso, a mídia torna-se um espaço central não só para a difusão da informação renovada, mas também para a permanente construção das identidades sociais. Nesse espaço de informações renovadas, o processo de formação identitário-social torna-se cada vez mais dependente do fluxo de materiais simbólicos inseridos pela crescente suplementação de experiências mediadas pelo

discurso da mídia, assumindo, assim, um papel cada vez maior na construção dessas identidades e na formação da opinião pública.

Luhmann (1997) lembra que a base da opinião pública se apresenta na estrutura temática que a mídia configura. Essa configuração está na escolha de um número limitado de assuntos que, automaticamente, reduz o universo temático gerado nas esferas sociais, políticas e econômicas e define o que a mídia publica ou veicula. Dessa maneira, ao cobrir determinado item e ignorar outro, a mídia constrói uma representação da realidade que pode influenciar o comportamento do indivíduo sobre um assunto, delimitando o conjunto de temas sobre os quais ele deve pensar e ter opinião, direcionando, através da linguagem veiculada, as ações de cada indivíduo.

É sabido que o modo pelo qual as pessoas agem no mundo, por intermédio da linguagem, varia de acordo com seus valores, crenças, interesses, posição e relação social. Como todo discurso é ideológico, é possível dizer que as pessoas representam o mundo de acordo com suas relações sociais e sua identidade social. O discurso é visto como prática social, quando podemos entendê-lo como o engajamento em contextos histórico-culturais e institucionais específicos que, através da interação, tem por finalidade agir no mundo, construir o mundo a nossa volta, o outro e, conseqüentemente, nós mesmos, num processo dinâmico e contínuo. Esse processo aplica-se à mídia, que é cada vez mais imperativa na vida social contemporânea, exercendo papel fundamental na construção do repertório das grandes massas. Novas tecnologias comunicativas estão, cada vez mais, mudando a natureza das ações e interações, e o que estamos observando no mundo hoje é que a interação face a face pode ser feita por meios sofisticados de

ação e interação à distância, através dos diversos meios de comunicação.

A diversidade de discursos midiáticos, estabelecidos como espaços de construção e reconstrução das identidades sociais, propiciam a ampliação dos horizontes de significados produzidos por nós. Mais do que inventar ou produzir um discurso, a mídia o reduplica sempre a seu modo, com uma linguagem e forma próprias para tratar o que deve ser visto e ouvido. Esse discurso, segundo Fairclough (1995), funciona ideologicamente para representar e construir o mundo e as relações sociais particulares, incluindo as relações de classe, gênero, etnia, sexualidade e outras. Para o autor, o mundo é discursivamente representado; portanto, todo discurso é ação, além de representação, no sentido de que práticas são necessariamente discursivas e contribuem para a reprodução e/ou transformação da ordem social.

A mídia merece ser analisada em termos do discurso como prática social, pois, ao mesmo tempo em que possibilita um olhar para a diversidade identitária facilitando o acesso à pluralidade da forma de ser e viver trabalha no sentido de privilegiar determinados modos de ser com uma lógica essencialista de identidade, o que se revela pelo discurso. Há uma disputa de poder muito específica, em que se fazem ou refazem os discursos e os saberes especializados, buscando modos de nos tornar sujeitos de certas verdades. Ao analisarmos o discurso midiático, é inegável a influência que este tem sobre o conhecimento, as crenças, os valores e as relações sociais.

3.2 O DISCURSO TELEVISIVO

A televisão está inserida no quadro geral que firma os estereótipos relacionados a diferentes grupos sociais. Ela possui um poder autoritário que impõe certo tipo de controle mercadológico à sociedade; caminha paralelamente com o capitalismo emergente e a ditadura política que, de acordo com Balogh (2002), sedimenta um caminho de poder junto às massas, constituindo o principal meio formador de opinião, além de proporcionar entretenimento acessível à maioria da população.

Nela, o real e o ficcional se misturam, uma vez que comportamentos de consumo e de cidadania são ditados por diferentes tipos de *merchandising*. O espectador tem na televisão um meio de informação básica, pois ela é um veículo do cotidiano que abarca significativo número de pessoas em diferentes regiões, de forma muito veloz.

A televisão pode colaborar na reorganização do homem e de seu espaço, positiva ou negativamente, transmitindo notícias e imagens do que acontece nas ruas, simulando, através da TV interativa, a participação do sujeito, inserindo seu discurso na vida pública. Um exemplo atual dessa interação, entre outros, é o programa Ídolos, exibido pelo SBT¹² em que o telespectador participa da escolha do futuro ídolo, através de ligações feitas à emissora.

Nesse contexto, o discurso da mídia televisiva assume o lugar de porta-voz do telespectador, oferecendo uma narrativa produzida por diferentes segmentos

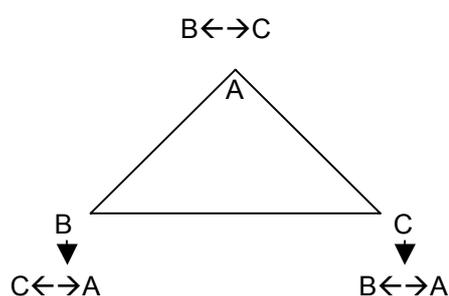
¹² Programa exibido às quartas-feiras, às 21h45.

sociais como sendo seu próprio discurso. Isso acontece em decorrência de a grande parcela de situações novas influenciarem o espaço coletivo e as relações interpessoais, podendo restringir a capacidade do sujeito de atribuir novos sentidos às suas vivências. Podemos citar, como exemplo, as telenovelas e os telejornais. Aquelas instrumentalizam a opinião pública ditando moda, influenciando hábitos, costumes, linguagem e comportamento; estes que têm o jornalista como formador de opinião, podem estimular mudanças sociais, com efeitos sobre a qualidade de vida dos cidadãos. Atualmente, a rede de televisão SBT exibe um telejornal em que o telespectador pode ligar e interagir com o jornalista, dando sua opinião a respeito do tema que está sendo abordado.

Nas interações verbais midiáticas, em diferentes contextos, incluindo-se a interação face a face, promovem-se reflexões sobre as condições de produção dos enunciados dos locutores e dos interlocutores. O papel do locutor, segundo Grice (1960), é o de manter, entre ele e o público, o contato que a instituição representada, por ele, estabelece. Nesse espaço dinâmico interacional televisivo, podem-se detectar esquemas estabelecidos de acordo com a interação. Esses esquemas interacionais foram estudados por Kerbrat-Orecchioni (1990)¹³, que trabalha com o conceito de discurso como processo interativo estabelecido a partir de certos acordos decorrentes de negociações que englobam o conteúdo da própria interação, a posição e a argumentação dos locutores/interlocutores. Esses esquemas foram nomeados como polilogais, trilogais e dilogais, em que se sobrepõem locutor e audiência. No *corpus* selecionado, detectamos a presença do trílogo, uma vez que temos a interação locutora \leftrightarrow interlocutoras \leftrightarrow público

¹³ Conforme já apresentaram Fávero e Aquino (2003).

telespectador. Em situação interacional, seja ela polilocal ou trilocal, os pares conversacionais alternam-se, de acordo com o processo de formação discursiva, formando duos. Segundo a autora, alternando-se os pares conversacionais, alternam-se também os papéis sociais dos locutores/interlocutores, como se pode observar no esquema trilocal a seguir:



Caplow (1968) observa que a idéia de interação social é sempre triangular ou triádica, porque o comportamento dos pares é sujeito à influência de uma audiência que interpreta as informações contidas na interação, aplicando normas habituais e incorporando-as em seu contexto. Segundo o autor, essa interação social triangular produz um texto conversacional coletivo.

Fávero e Aquino (2003) afirmam que esse texto conversacional coletivo não é produzido só interacionalmente, mas possui uma organização específica. De acordo com as autoras, sendo a interação social essencialmente triangular, o texto conversacional coletivo é o lugar em que os locutores constituem relações especiais de dominância ou igualdade, conflito ou convivência, familiaridade ou distância. Dessa forma, diz-se que toda interação está sujeita a pressões comunicativas e rituais, visto que influenciam a estrutura do discurso, fazendo que os interlocutores adotem estratégias que levem a troca verbal a bom termo, construindo, dessa

maneira, sua auto-imagem social. Os aspectos da identidade pessoal e social são revelados pela idéia de que a imagem que os indivíduos têm de si não resulta apenas de suas expectativas pessoais, mas incorpora expectativas sociais mais amplas.

As identidades são (re)criadas na interação; por isso, pode-se afirmar com Fairclough (1992) que a interação é também instrumento mediador dos processos de identificação dos sujeitos sociais envolvidos numa prática social.

O discurso midiático televisivo oferece ao telespectador a antecipação dos sentidos e dos significados acerca do mundo e das situações indicadas na interação, pois combina imagens, sons e textos que influenciam comportamentos, criando necessidades que passam a ser tomadas como reais. Por exemplo, a troca de um carro, a compra de um móvel novo, a troca do celular por outro com câmera acoplada e outros, são combinações de imagens e discursos arrojados que levam o telespectador a sentir-se modernizado, arrojado, atualizado e motivado a agir. Assim, também agem os debates televisivos, influenciando comportamentos e atitudes de acordo com os pontos de vista expostos. O discurso da mídia televisiva torna-se um forte instrumento ideológico e pode situar-se na esfera do discurso polêmico, pois o objeto de estudo não está obscurecido pelo dizer, mas é direcionado pela disputa entre os interlocutores, havendo, assim, a possibilidade de mais de um sentido indicativo de um caráter afirmativo – quando o locutor/interlocutor não consegue romper completamente com o modo já consagrado de interpretar a realidade - e, inovador – quando conduz o olhar para aspectos encobertos pela interpretação oficial. E é nesse sentido que destacamos o estudo do gênero discursivo “debate midiático”.

3.3 O ESTUDO SOBRE O GÊNERO DISCURSIVO

Ao explorarmos a natureza genérica do discurso, supomos o estabelecimento das relações entre suas características lingüísticas e as variáveis do contexto social e cultural.

Ao estudar os gêneros discursivos¹⁴, (re)afirmamos a idéia de que o gênero resulta das práticas discursivas já existentes; são formas discursivas que dizem respeito às infinitas esferas de uso da linguagem. Segundo Bakhtin (1982), define-se como um evento sociocultural e discursivo que é próprio de uma determinada esfera social, delimitando-se de acordo com os contextos socioculturais e históricos.

De acordo com esse estudioso, existem as formas que organizam a comunicação ordinária (oral e escrita), correspondendo, assim, aos gêneros primários. Deles surgem formas discursivas mais complexas, como a literatura, os documentos oficiais, os relatos científicos, os jornalismo (oral e escrito) entre outros, que são denominados pelo autor - gêneros secundários.

Os gêneros discursivos definem um campo mais amplo da comunicação, considerando não apenas as formas elaboradas pelas linguagens naturais, como também da comunicação mediada. Filmes, programas televisivos e radiofônicos, espetáculos, publicidade, música e as formas da comunicação mediada pelo computador (e-mail, chats, lista de discussão) podem ser definidos como gêneros discursivos secundários.

¹⁴Segundo Bakhtin, gênero define as infinitas possibilidades de uso da linguagem na produção de mensagens no tempo e no espaço das culturas.

Em uma perspectiva funcional, os gêneros delimitam-se de acordo com os contextos socioculturais ou históricos em que se inserem. Dessa forma, diferentes gêneros correspondem a diferentes formas de utilizar a linguagem para cumprir os diversos propósitos culturais.

O gênero debate, em uma perspectiva social, pode ser caracterizado como prática discursiva institucional. O campo de exploração é amplo e se sobrepõe a fenômenos enunciativos, como a polifonia discursiva, as estratégias de interação, as normas de conduta e as formas de tratamento. Inserem-se neste contexto a argumentação, a retórica e a análise crítica do discurso, entre outros.

3.4 O DEBATE NA MÍDIA TELEVISIVA

Os gêneros discursivos são geralmente definidos como resultantes de uma combinação de regras constitutivas e da qual a separação é necessária à troca conversacional. De acordo com Greimas (1979), o gênero designa uma classe de discurso reconhecível, graças aos critérios sociais. Estes critérios podem provir, seja de uma classificação implícita que repousa nas sociedades, seja de uma taxonomia explícita, de caráter não-científico. Tal teoria, relevante de um relativismo cultural evidente e fundada sobre os postulados ideológicos implícitos, não tem nada em comum com a tipologia do discurso que procura se constituir a partir do reconhecimento de suas propriedades formais específicas.

Diferentes gêneros correspondem a diversas possibilidades de uso da linguagem; desse modo, ficam garantidos os vários propósitos culturalmente

definidos. O campo discursivo é vastíssimo e nele se sobrepõem os fenômenos enunciativos, como intertextualidade discursiva, estratégias de interação, normas de conduta, argumentação e retórica, entre outros. Um dos gêneros discursivos que merece nossa atenção por conter alguns desses fenômenos enunciativos é o debate, tendo como suporte a mídia televisiva.

Entre os diversos gêneros veiculados pela televisão, destacamos o debate por se tratar de uma interação verbal, em que os interlocutores expõem seus pontos de vista utilizando-se de estratégias argumentativas. Os debates televisivos contribuem para a constituição da imagem do locutor, permitem que este assuma uma posição de domínio, constroem uma imagem perante o outro que se adapta à expectativa que julga ser conhecida e cujos contornos definem-se em função do interesse em persuadir o interlocutor.

Essa imagem pode variar de acordo com o contexto, com os objetivos comunicativos e com o *status* sócio-profissional de nosso interlocutor. É, também por intermédio do léxico selecionado e das estratégias argumentativas utilizadas que o locutor/interlocutor constrói a imagem através da qual pretende ser observado. Essa imagem, de acordo com Aquino (2005), corresponde ao papel social, ao aspecto pessoal e ao papel discursivo que os participantes da interação assumem.

No sentido restrito da argumentação, podemos dizer que o debate televisivo é, antes de tudo, um discurso orientado que tem como finalidade a persuasão. A mídia televisiva pode ser também um espaço em que o discurso é colocado a serviço da imagem pessoal, que é decorrente da simultaneidade do conhecimento prévio do público e da eficácia discursiva.

O debate analisado neste estudo realiza-se em torno de tópicos lançados às demais locutoras/interlocutoras que, a partir de discussões, buscam explorar ao máximo o assunto abordado, para que o público/telespectador tenha um amplo quadro de entendimento sobre o que está sendo tratado. Nesse debate, o direito à participação discursiva é assegurado pela figura de uma mediadora que tem um papel regulador durante o processo interacional.

O debate, segundo Aquino (2005), constitui um gênero discursivo passível de ocorrer em qualquer contexto. Consiste na troca de idéias, no confronto de pontos de vista, com o objetivo de convencer/persuadir o público/telespectador. Sendo televisivo, o debate possui uma modalidade mais competitiva, principalmente se estiver ligado à esfera política tradicional, pois cria um espaço de poder entre os participantes da interação, na disputa pela defesa de seus pontos de vista. Quando o debate midiático busca a resolução de problemas comunitários, passa a ter um caráter de ampliar os conhecimentos da comunidade. Ambas as formas contribuem para a formação da opinião pública.

3.5 A INTERAÇÃO VERBAL NO DEBATE

Em razão de ser sempre resultante de uma atividade interpessoal desenvolvida entre, pelo menos, dois indivíduos em uma interação face a face, em um contexto espaço-temporal e sócio-histórico que une os participantes, a interação segundo André-Lacheboury (1984), apresenta características verbal/gestual simultânea e interação recíproca, cuja unidade mínima se compõe de perguntas

efetivamente produzidas pelos dois participantes. Essas características são eficazmente detectadas nos programas televisionados, principalmente nos programas que possuem o formato debate, em que se observa uma construção textual mais assimétrica, se comparada a uma conversação espontânea entre amigos. Tais programas nos permitem estudar as relações interpessoais estabelecidas, devido à maneira como o discurso é organizado. De acordo com Brait (1993), se faz necessário observar não apenas o que é dito, mas também a maneira de dizer que, juntamente com outros recursos, como gestos, entonação e outros, mostram a interação como um jogo de representações em que o conhecimento é dado através de negociações e normas partilhadas.

Nos programas televisivos, principalmente nos que possuem um formato de debate, pode-se perceber a utilização de diversas estratégias discursivas, no momento da interação. Assim, negociações ou conflitos são criados, vozes são instauradas e discursos são construídos dinamicamente, considerando fatores culturais, históricos e ideológicos que unem os participantes, como podemos observar no exemplo 1 (anexo A, lin.273-86; p.115), em que as locutoras/interlocutoras Mônica Waldvogel e Luana Piovani abordam sobre a impunidade na esfera governamental, uma vez que o assunto em questão é a corrupção. Notamos que há sobreposição de vozes e que a mesma ocorre de forma cooperativa, para reforçar a fala da outra locutora/interlocutora, ora antecipando a idéia, ora reafirmando o que foi dito. Vimos também que as participantes dividem

informações sobre os temas debatidos e falam sobre seus sentimentos, havendo no grupo muito mais cooperação do que competitividade¹⁵

(1)

- LP eh::eu acho que no Brasil um dos grandes problemas é a impunidade...né?as pessoas não têm medo de...de::
 [
- MW *nada...*
- LP correr o risco...eu tava lendo uma...uma matéria que os corruptos onde eles vão se esconder?eles não vão pra uma caverna ou pra selva que está acabando...eles vão pro congresso...porque as leis e os A-DE-VO-GA-DOS sempre dão um jeito...tão sempre barganhando...
 [
- MW *eles ficam...têm imunidade...*
- LP *exatamente...*então quer dizer...eles se afastam um pouquinho do cargo três meses...abaixa a poeira quer dizer que é um país impune eh::as pessoas não têm medo então vamos ver até a hora que der...uma merda depois a gente dá um jeito...agora eu só ...

Um outro exemplo de que a sobreposição de voz ocorre de maneira colaborativa pode ser detectado quando a fala do locutor é antecipada pelo interlocutor e esta é incorporada ao discurso do locutor, tomando-a como reforço da idéia apresentada. Veja o que segue no exemplo 2 (anexo A, lin. 96-105; p.119), em que LP age colaborativamente, após a ocorrência de pausa, antecipando a fala de MW, no momento em que esta comenta a respeito da pessoa ressentida. Vê-se que a colaboração é aceita e incorporada à fala de MW.

(2)

- MW perde uma aqui...ganha uma ali...quer dizer...todo mundo na vida...o ressentido ele::na verdade...é um queixoso...ele arruma um culpado pra::pra desgraça dele e ele não pode se curar...esse que é o problema...Maria Rita Kehl ah::psicanalista diz até que::dá muito trabalho...pra pessoa no::no consultório porque::ela num...num...dá força nenhuma...

¹⁵ Kalcik (1975), who studied personal narrative in all-women groups, also argues that the prime pattern of interaction in such groups is cooperative rather than competitive.

LP [não quer melhorar...
 MW não quer melhorar...ele nunca se arrepende de alguma coisa...

Os cortes, as interrupções, as sobreposições são detectados em função do caráter de imprevisibilidade do texto conversacional.

Há na interação verbal um processo complexo organizacional, que se explica através dos diversos fatores que interagem entre si e contribuem para que a conversação se realize, possibilitando que se detecte a estrutura e as estratégias organizacionais.

Nosso *corpus* por se constituir de uma interação face a face, tem caráter dialógico. Em nossa pesquisa, a interação face a face se dá de maneira assimétrica, tendo em vista se tratar de um programa em que são debatidos temas atuais e que tem a presença de uma mediadora representada pela jornalista Mônica Waldvogel. A ela cabe, lançar o tópico - aqui tomado como relacionado genericamente à noção de tema - como mostra o exemplo 3 (anexo A, lin. 391-95; p.116) em que (MW) antecipa o que será tratado no próximo bloco; conduzir o diálogo, mudar o tópico e encerrar o diálogo, como pode ser detectado no exemplo 4 (anexo C, lin.483-85;p.133), em que a mediadora (MW) encerra o tema silêncio e anuncia os possíveis tópicos a serem apresentados no bloco seguinte:

(3)

MW olha...a psicanalista Maria Rita Kell...ela diz que os brasileiros perdoam os políticos corruptos...os políticos irresponsáveis e até os ditadores...mas vivem ressentidos com seus governantes que não fazem a coisa certa...o ressentimento é uma característica dos fracos...e é o nosso assunto para o próximo bloco.

(4)

MW silêncio só um pouquinho...*porque no próximo bloco a gente vai de lado b...de coração na mão...ou momento saia justa...a gente decide no intervalo e te conto daqui a pouquinho.*

A possibilidade da discussão de uma pauta fixa em cada bloco faz que a interação seja mais consistente, havendo maior oportunidade de exposição de pontos de vista. Elementos extra textuais simultâneos à fala das interlocutoras auxiliam a organização discursiva.

Reconhecendo que não há discurso sem intencionalidade, lembramos que o conhecimento de um outro texto pré-existente no discurso se faz através do intertexto que produz efeitos de sentido que legitimam o discurso e conduzem o ouvinte à adesão. A argumentatividade presente na atividade discursiva é constituída, também, dialogicamente e o efeito argumentativo se dá na ação e reação dos falantes perante os pontos de vista confrontados.

Há, atualmente, no contexto do debate midiático, seja no âmbito político ou de utilidade pública, maior adesão à participação da figura feminina, permitindo que se possa eliminar a idéia de uma quase ausência do protagonismo feminino. Isso se dá em decorrência da maior participação feminina nas diversas esferas político-sociais, como já o dissemos à página 47. Nos últimos anos, vimos notando que as mídias voltadas à grande massa vêm enfatizando a figura feminina, não somente com a imagem de mulher modelo de beleza e referência para a moda, mas também por seu desempenho cultural e político-social.

A mulher tem ganhado espaço nos programas televisivos, nos radiofônicos, atuando como âncoras do telejornalismo, a exemplo de Fátima Bernardes, Lílian Witte Fibe, Mônica Waldvogel, Salete Lemos; como mediadoras de debates - Mônica Waldvogel e Ana Paula Padrão; como entrevistadoras, apresentadoras e comentarista esportiva, como Renata Fan. Nos editoriais de jornais e revistas de grande circulação, a mulher vem ganhando espaço escrevendo crônicas, críticas e assinando artigos variados. O discurso feminino vem, ao longo do tempo, sendo mais valorizado principalmente no que se refere à participação efetiva de mulheres em programas televisivos com formato de debate, reafirmando sua identidade e fortalecendo um novo perfil.

CAPÍTULO IV

ANÁLISE DO *CORPUS*

O gênero se baseia na concepção socrática da natureza dialógica da verdade e do pensamento humano sobre ela. [...]. A verdade não nasce, nem se encontra na cabeça de um único homem; ela nasce entre os homens, que juntos a procuram no processo de sua comunicação dialógica. (Bakhtin, 1981).

4.1 CONTEXTUALIZAÇÃO

A observação do *corpus* permite mais de um encaminhamento de análise, porém, analisaremos respectivamente a utilização da citação, como argumento de autoridade, do exemplo e da ilustração, procurando atender aos objetivos propostos na pesquisa.

Como já citado à página 23, para que haja adesão do público/telespectador, o locutor deve produzir um discurso coerente, consistente e crível, que apele para a razão e desperte emoções capazes de persuadir seu público/telespectador a aceitar as teses propostas.

Em se tratando de um programa televisivo com formato de debate, cujas participantes são mulheres, a escolha de estratégias no desenvolvimento do discurso é muito significativa. Alguns estudiosos da questão dos gêneros sociais, como Lakoff (1975) e Thorne & Henley (1975), posicionam-se a respeito do discurso produzido por um grupo de mulheres, descrevendo-o como tagarelice¹⁶. Essa

¹⁶ (...) “a tagarelice apresenta como característica o fato de não se limitar a uma situação ou a conteúdos precisos, mas ser extensível e aplicar-se virtualmente a todas as situações marcadas por uma reunião de mulheres”. (...) “falar como mulher é falar mais que o necessário, sem convicção, sem força e sem chance de ser levado à sério”.

abordagem nos faz inferir que o discurso proferido por um grupo de mulheres seja visto como vazio.

Nosso *corpus* nos mostra uma outra visão. As mulheres parecem reconhecer esse posicionamento, porém, isso não indica que falar muito ou falar bastante seja dizer coisas banais. Isso pode ser constatado no discurso de MT (gravação em DVD anexada ao trabalho), no último bloco do programa exibido no dia 01/02/2006, em que, perguntada pelo chefe de cozinha Manoel Coelho sobre “as mulheres tirarem conclusões precipitadas, levando o assunto, muitas vezes, para o lado pessoal”, responde dizendo que as mulheres não são precipitadas, elas são donas da palavra e justifica sua resposta construindo, junto às demais participantes, dizendo que a mulher toma o assunto para si, ela se envolve mais, fala mais de si; um discurso que se aproxima da teoria de Coates (1993)¹⁷ sobre a interação em um grupo especificamente feminino. A autora afirma que em um grupo formado por mulheres, geralmente há a discussão de um assunto por meia hora ou mais e que as mesmas dividem informações sobre elas, sobre seus sentimentos e relacionamentos. O debate desse tema, e o posicionamento que cada uma das participantes tem a respeito dele faz com que haja a comunhão com o público/telespectador.

A escolha de temas atuais que envolvam as participantes da interação e que faça comunhão com o público/telespectador é uma das principais estratégias para o sucesso da interação.

¹⁷(...) in all-women groups, women often discuss one topic for half an hour or more; they share a great deal of information about themselves and talk their feelings and their relationships.

Nosso *corpus* se compõe de quatro integrantes que são ao mesmo tempo locutoras/interlocutoras, o discurso se desenvolve de modo a que se observe o não convencimento entre elas e sim, a persuasão do público/telespectador que as assiste. Dessa maneira, o jogo argumentativo se dá em função de um auditório específico; que poderá aderir ou não às teses ali apresentadas, de acordo com a força dos argumentos e com a escolha das estratégias.

Muitos outros elementos colaboram para que a seleção de uma estratégia se mostre adequada ou não. Podemos nomeá-los elementos paralingüísticos e prosódicos, como entonação da voz, gestos, olhares, movimento do corpo, pausas, silêncios entre outros.

Em nosso *corpus*, notamos que a chamada de cada programa é diferente. Essa chamada cria certa expectativa a respeito da construção do tema a ser debatido. Na chamada programa exibido no dia 08/02/2006, há a exibição da imagem das participantes, ainda no camarim (perceptível pela gravação em vídeo), falando sobre cabelo, unhas, cílios e beleza. Nesse ínterim, a locutora MW interrompe, dizendo “ inteligência, daqui a pouco no Saia Justa”. Esse contraponto entre futilidade aparente e inteligência é um modo extremamente estratégico para qualificar o programa e chamar a atenção e despertar o interesse do público/telespectador.

Uma outra maneira estratégica de chamar a atenção do público/telespectador é a escolha dos argumentos utilizados na construção do discurso. Detectamos a utilização recorrente, nos temas debatidos, do argumento de autoridade - citação, da argumentação pelo exemplo e pela ilustração. E é sobre a utilização destes

argumentos que discorreremos nas análises a seguir, direcionando-as, em um primeiro momento, ao argumento de autoridade.

4.2 O ARGUMENTO DE AUTORIDADE

O argumento de autoridade, conforme já citado anteriormente (página 34), é utilizado para fazer prevalecer um posicionamento próprio ou silenciar o de um opositor. Ao debaterem, as locutoras/interlocutoras apóiam seus argumentos na citação de autores renomados, registrando-se aí a intertextualidade. No primeiro bloco do programa Saia Justa, exibido em 08/02/2006, as locutoras iniciam um debate a respeito da Devastação e da Corrupção, discorrendo sobre aspectos diversos da política do país e das conseqüências da irresponsabilidade da política social. Esta exposição de pontos de vista, ora coletivo, ora pessoal, fez surgir o tópico¹⁸ a ser debatido no segundo bloco do programa, direcionado ao Ressentimento.

Durante a apresentação do tema, no segundo bloco do programa (anexo B), a jornalista Mônica Waldvogel expõe seu ponto de vista a respeito do que é o ressentimento e, do que pode vir a ser um sujeito ressentido. Levando em conta que o locutor, de acordo com suas habilidades, pode transformar o auditório, as locutoras/interlocutoras atentam para a direção que o discurso pode tomar, minimizando, em um acordo pré-estabelecido, as desigualdades, o juízo de valor¹⁹

¹⁸ A noção de tópico está relacionada genericamente à noção de tema, assunto. Segundo Fávero et al (1999: 37), tópico discursivo é o elemento estruturador da atividade conversacional.

¹⁹ Sentimentos e impressões pessoais geralmente compartilhados, pois se presume que o locutor e seu público/auditório tenham conhecimento dos mesmos estatutos para os elementos do discurso. Perelman e Olbrechts-Tyteca – 2002)

sobre o que foi dito a respeito do tópico. A locutora Mônica Waldvogel utiliza-se de modalizadores que auxiliam a construção de um discurso particular “acho...”, “eu aprendi...”, respaldado no decorrer do discurso pelo argumento de autoridade que reforça seu ponto de vista, como se pode observar no exemplo 5 (anexo B, linh.30-51; p.117-18).

(5)

- MW mas *acho* que o ressentimento trata de outra coisa...trata realmente do::do sujeito envenenado...por um agravo...por uma ofensa qualquer que ele::eh::decidiu porque vestiu aquilo como se fosse uma pele...que não vai se livrar...
- [
- LP mas aí *é louco*...
- MW que não vai se livrar...sim mas acontece que isso é...
- [
- LP *é loucura*...
- [
- BL li isso num livro...não tem alguma coisa sobre Yago?
- MW *eu aprendi muita coisa interessante aqui no::no livro da psicanalista Maria Rita Kehl...sobre ressentimento porque...*

Ao citar a obra da psicanalista Maria Rita Kehl, Mônica Waldvogel fortalece seu ponto de vista, justificando sua opinião a respeito do ressentimento e das possíveis características de uma pessoa ressentida. Utiliza-se do prestígio da psicanalista para sustentar sua tese, qualificando seu “eu” discursivo, como pessoa bem informada e atualizada em relação às diversas obras publicadas recentemente. Dessa maneira, (re)lembrando as noções de auditório de Perelman e Olbrechts-Tyteca (1996), já abordadas anteriormente à página 30, a locutora cria uma identidade com um público/telespectador particular, isto é, pessoas que se interessam por livros de psicanálise e outras publicações recentes sobre o comportamento humano. Em geral, no senso comum, são poucas as pessoas que

têm acesso ou interesse por esse tipo de publicação, ficando mais difícil atingir a um público/telespectador universal. Neste caso, o argumento que utiliza a citação de pessoa ou entidade reconhecida serviu para fortalecer a tese da locutora para um público/telespectador de determinada esfera sociocultural.

No momento em que seleciona e invoca uma autoridade, o locutor se compromete, pois ocorre uma aproximação entre eles de tal ordem que a utilização desse argumento repercute sobre quem o emprega. São muitas as variáveis de autoridades invocadas. Em nosso *corpus*, encontramos o argumento de autoridade impessoal; a opinião comum e o argumento de autoridade que trata, pelo nome, a autoridade a que se quer designar.

No segundo bloco do programa, exibido no dia 08/02/2006, após debater com as demais locutoras/interlocutoras sobre o tópico Devastação X Corrupção, a locutora Mônica Waldvogel inicia seu discurso enumerando uma seqüência de ações que parecem ser praticadas por uma pessoa ressentida. Ao terminar a exposição, lança uma pergunta para as demais locutoras/interlocutoras, a fim de que haja um debate sobre o assunto.

A maneira como as ações praticadas pelo ressentido foram expostas por Mônica Waldvogel, a utilização de marcadores conversacionais prosódicos, como pausas e entonação de voz, nos remetem a um argumento de autoridade denominado impessoal que é a “religião”, pois nos faz lembrar os mandamentos da lei de Deus. Vejamos no exemplo 6 (anexo B, lin.1-6;p.117), como as ações foram colocadas:

(6)

MW alimentar a mágoa todo santo dia...fazer projeto de vingança

em vão...NÃO esquecer...NÃO perdoar...NÃO cogitar em qualquer hipótese superar a ofensa recebida...esses são os mandamentos dos ressentidos...o ressentimento esse veneno capaz de corroer corpo e alma...é o NOsso assunto de hoje...alguém aqui já tinha pensado sobre::ressentimento com essas funções?

Esse tipo de argumento faz com que haja a comunhão com o auditório e intensifica a identidade com o locutor, que através da intertextualidade, fortalece seu discurso com a inferência a um documento bíblico incontestável, do ponto de vista religioso. Em seguida, exemplo 7 (anexo B, lin.15-18 p.157; p.117 e lin.157; p.120), a locutora Luana Piovani, ao falar a respeito de pessoas ressentidas, coloca-se na posição de uma delas, justificando seus atos não como uma conclusão, mas como um ponto de partida para a finalidade argumentativa que é a transferência dos juízos para os atos, como forma de defesa pessoal. A locutora, ao utilizar a expressão “sou um ser humano super normal”, remete-nos ao que podemos chamar senso comum de que “errar é humano”. Ela utiliza-se implicitamente da lógica para passar a idéia de que se “ser ressentido” é um erro e, se “errar é humano”, ela pode ser considerada um ser humano super normal.

(7)

LP ah...*eu tenho os meus ressentimentos...eu sou um ser humano super normal...as pessoas quando me sacaneiam...eu fico super chateada...uns graças a Deus é o floral que eu esqueci no Rio de Janeiro...*

(...)

LP ah... como é difícil ser SER humano...

De acordo com o contexto, que envolve o conhecimento de cada interlocutor, o argumento de autoridade pode ocasionar a contra-argumentação, não com o propósito claro de desqualificação do argumento apresentado, mas de acréscimo de uma nova teoria, ou de uma outra visão. Dessa forma, a filósofa Márcia Tiburi contra-argumenta o exposto por Mônica Waldvogel - ser o ressentimento uma patologia ou uma neurose - manifestando sua opinião sobre o tópico em questão. A idéia de acréscimo ao que foi exposto pode ser localizada, porque Márcia Tiburi utiliza-se dos modalizadores “não é só...”, “eu acho...”, “por exemplo...” caracterizando que seu discurso não será para desqualificar o que Maria Rita Kehl diagnosticou em seu livro, ou o que foi dito pela locutora Mônica Waldvogel em seu discurso, mas que há uma nova visão sobre a teoria relativa ao ressentimento, complementando e enriquecendo sua argumentação.

No exemplo 8 (anexo B, lin.71-75;p.118), observamos que Márcia Tiburi invoca a presença do filósofo Nietzsche, como figura de autoridade, fundamentando a contra-argumentação do discurso em questão.

(8)

MT	<i>não é só uma neurose...e não é só uma patologia...eu acho que é um::dado da cultura ah:: se a gente vai pela obra de Nietzch por exemplo...que é o REI aí da filosofia do ressentimento...</i>
MW	[que tratou o ressentimento...

A pessoa ou entidade citada, sendo um autor renomado em determinado contexto, pode fortalecer a tese do argumentador, fazendo prevalecer seu posicionamento. A locutora Márcia Tiburi invoca para seu discurso a figura de um também filósofo, reforçando sua idéia de acrescentamento ao discurso da

psicanalista e fortalecendo seu discurso como filósofa. Ao utilizar o termo “REI”, a locutora garantiu notoriedade à figura do filósofo citado.

Não podemos deixar de observar, que vozes são instauradas no discurso como estratégias argumentativas e, que essas vozes são manifestadas no campo da interação.

Por ser um programa que, aparentemente, atinge a públicos diferentes, isto é, de diferentes níveis socioculturais²⁰, podemos constatar a mudança no modo de utilização do argumento de autoridade, que passa do formal para o informal. No exemplo 9 (anexo B, lin.256-76;p.122), Mônica Waldvogel tenta classificar o ressentimento dirigindo-se à atriz Beth Lago e mencionando um ditado popular mais conhecido no Rio de Janeiro do que em São Paulo. Ela antecipa a idéia de que, embora seja um ditado popular mais comum no Rio de Janeiro, pode não ser conhecido por todas as interlocutoras e/ou pelo público/auditório. Há marcas no discurso de Mônica Waldvogel que confirmam a idéia de que o ditado não é conhecido em São Paulo e que são, detectadas a partir da utilização de “não...muito comum”, “ouço de carioca...”.

(9)

MW	sabe aquele res/eu...a gente sabe que é comum no Rio de Janeiro...em São Paulo <i>não é um ditado muito</i> comum...mas aquele que diz assim...que bem que te fiz pra que você me queira tão mal...que é o ressentimento provocado pelas coisas boas que você recebe na vida...tem pessoas que também não conseguem receber coisas boas...
	[
BL	não consegue ser feliz...
MW	e elas...a bondade das outras...
	[

²⁰ Embora o programa seja exibido em um canal por assinatura, seus horários são diferenciados – às quartas-feiras às 22h30min.; sextas-feiras às 10h; aos sábados, às 23h e, aos domingos às 10h30min.

diante de tanta violência exposta atualmente por todas as mídias, o ressentimento pode ser uma patologia que deve ser tratada adequadamente e não desprezada como um sentimento comum a todas as pessoas.

Na análise desses blocos, detectamos que a utilização da citação como estratégia argumentativa fortaleceu o ponto de vista das locutoras/interlocutoras e tornou os fatos discutidos mais verossímeis.

Outros argumentos também são significativos para que se consiga persuadir o interlocutor. Deles trataremos a seguir, pois passaremos a analisar a importância dos argumentos pelo exemplo e pela ilustração na estrutura do discurso feminino televisivo.

4.3 O ARGUMENTO PELO EXEMPLO

Há no discurso feminino, uma predisposição à inserção de exemplos, pois estes, como afirmam Perelman e Olbrechts-Tyteca (1996), servem para a aceitação de um raciocínio e fundamentação de uma regra particular. A partir da observação desse pressuposto, pudemos observar a ocorrência de exemplos que encaminham para a aceitação de uma proposição resultante da avaliação de uma citação ou de outro exemplo e que criam um efeito de inércia.

Podemos detectar esse efeito, no momento em que a locutora Mônica Waldvogel cita, em seu discurso, a matéria publicada na revista *Veja* por João Ubaldo Ribeiro, em que há a afirmação de que *somos TODOS corruptos*. As

interlocutoras ali presentes indicam vários exemplos que coadunam com a corrupção e, juntas, tentam criar um efeito de inércia.

Vejamos o exemplo 11 (anexo A, lin.112-33;p. 111):

(11)

- MW ah...mas aqui *ninguém respeita um clips que é do estado...o Brasil* tem alguma...coisa...ah::eu até falei...perguntei se é::eh::destino isso...ou seja...ele nunca vai conseguir se livrar ou se tem alguma...algum defeito no *caráter brasileiro...*que que faz com que *a gente* repetidamente caia sempre nessa mesma armadilha...vocês viram a entrevista do *João Ubaldo Ribeiro...na Veja...*
- BL [nossa...eu ia falá
nisso aGO::ra...
- MW [*deu muita corrupção* ele...ele pôs o dedo na ferida porque disse assim...*somos TODos corruptos* ah::
- MT [*isso é grave...*
- MW *o pobre que rouba a merenda escolar...*não sei do ...
- LP [*o povo...o pobre...o governo...*
- MW que ... e o *Roberto Jeferson que...do PTB que pega a parte da/do...do cargo público* que ele tem pra fazer o::dividir o butim...né?...vamo lá...quanto é que você me dá...quatrocentos mil por mês...e você...quanto que é que é...tá a informação na *Veja* assustadora que ele reunia todos os indiCAdos por ele...que estão em cargos públicos pra...estabelecer metas eh::

A locutora MW ao dizer em seu discurso “*ninguém* respeita um clips que é do estado...”, “o *Brasil* tem...”, “*caráter brasileiro...*”, *a gente...*” está anunciando uma regra geral que corrobora com a afirmação de João Ubaldo Ribeiro. Ao dizer que a afirmação do autor era grave, MT deixa transparecer um desacordo, que pode levar o interlocutor ao efeito de inércia, pois parte do exemplo de que “*ninguém* respeita ...” para a regra de que “*somos TODos corruptos*”. A passagem do exemplo à regra é uma forma de raciocínio que apela à inércia.

A regra geral estabelecida pelo autor, conforme exemplo 11, é de que o povo é corrupto. Embora haja um desacordo, os exemplos, como o dissemos, encaminham para a inércia de que não há como pensar de modo diferente deste que elas apresentam. Mesmo sendo uma regra que aparente abrir um precedente para discussão, não há viabilidade para isso, pois, neste caso, o exemplo tem estatuto de fato, isto é, está ligado ao real, e os relatos de acontecimentos concretos não deixam dúvidas para o ouvinte.

Um outro caso evidenciado na Nova Retórica é que a maneira de apresentar os exemplos é significativa para a construção de sentidos e fortalecimento da argumentação. Citar exemplos com valores de similitude pode, por diversas vezes, colaborar para o alcance do convencimento e/ou persuasão do outro ou, até mesmo, evidenciar algo que poderia permanecer despercebido e sugerir conclusões. Vejamos o exemplo 12 (anexo C, lin.1-09;p.124), do primeiro bloco do programa exibido em 01/02/2006, em que, ao colocar o tópico para debate “Silêncio”, a locutora Mônica Waldvogel inicia o turno chamando a atenção das demais interlocutoras através do marcador “olha aqui...” e, em seguida, fala sobre a falta de respeito aos sessenta segundos do minuto de silêncio por jogadores de futebol e pelas torcidas de estádio. Em seu discurso, a locutora utiliza-se de elementos verbais e prosódicos, como “ruído...”; baRUlho...”; “erupção...”; “tambores...”; “buzinas...”, para sugerir a idéia de barulho. Esses elementos, juntamente com os exemplos sugeridos, fortalecem a construção de sentido da argumentação a respeito do silêncio e do respeito ao mesmo.

(12)

MW *olha aqui...*sem querer pedir pra ninguém calar a boca...mas num grupo como o nosso...sempre tão criticado porque *falamos*

todas juntas...discutir silêncio parece uma contradição dos termos...mas jogador de futeBOL e torcida de esTÁdio também NÃO respeitam os sessenta segundos do minuto de silêncio...parece que a gente gosta mesmo do ruído do baRUlho...da erupção das palavras...dos tambores...das buzinas...é isso mesmo?porque nosso assunto agora éh::silêncio...

LP ((gestos))

MW mas é pra falar...((risos))

No segmento apresentado, parece estar implícita a regra de que a sociedade moderna não respeita o silêncio. O exemplo, acima citado, tem estatuto de fato, e é justificado pela figura dos jogadores de futebol, pela postura da torcida no momento de silêncio e pela própria dinâmica do programa em que todas as participantes falam ao mesmo tempo, sobrepondo-se. Esse relato de fatos concretos não deixa, no interlocutor, dúvidas sobre a regra do não respeito ao silêncio.

Na argumentação pelo exemplo, tanto considerar o(s) outro(s) locutores, quanto observar o rumo que a conversa está sendo encaminhada são de extrema importância. Segundo Perelman e Olbrechts-Tyteca (1996), aqueles que argumentam fazem adaptações necessárias às suas exposições.

Muitas vezes, o locutor tem a intenção de que fatos apresentados sejam considerados exemplos, mas nem sempre isso acontece. Dessa forma, podemos observar exemplo 13 (anexo C, lin.245-70;p.126), que Márcia Tiburi, ao tentar explicar à interlocutora Betty Lago a respeito do porquê de as pessoas não respeitarem o próprio silêncio, cita uma obra: “O Inominável “ - de Samenberg, que fala sobre o silêncio. Durante seu discurso, a locutora traça um paralelo com um livro de Wittigenstein, promovendo a intertextualidade, ilustrando o exemplo dado com passagens contidas no texto a respeito do silêncio e que podem não ser conhecidas

por parte do público/telespectador. O efeito de sentido que reforça a idéia de rompimento do silêncio é determinado pela escolha do léxico e pela repetição de determinadas palavras como “falar...calar”; “dizia...”, “falando...falando...”; “fala...” e outras. O exemplo do livro *O Inominável*, neste caso, é auxiliado pela ilustração da narrativa do mesmo, que reforça O efeito de verdade a respeito do rompimento do silêncio.

(13)

BL tá e a proibição do silêncio que é muito pior...mas o que que faz uma pessoa *falar* ininterruptamente...o que que faz...o que que impulsiona uma pessoa a não respeitar o seu próprio silêncio...não...

[
 MT eu acho...eu acho que já tenho uma idéia...sabe...eu quero entender...olha só...tem um livro do Samamberg que chama o inominável...*ele fala* assim eh::vou *falar mesmo sabendo que devia calar*...ele tá claro...dando uma resposta a um livro antigo do Wittigenstein *que falava* aquele tractatus que dizia no final...sobre o que *eu não posso falar é preciso calar*...ele tava dando uma resposta contra...né?ele vai *falando...falando...falando*...e eh::angústia...pura angústia...eu *tenho que falar...eu tenho que falar...eu tenho que falar*...me mandaram falar...existem...e ele fala que tem uns caras que eles organizam...administram e cudam e::eh::usam o silêncio enfim como se fosse uma forma de poder...um jeito de também controlar a vida dos outros...né?e *ele fala de* um...direito ao silêncio...e ele fala de uma ofensa ao silêncio...eua achei isso tão bonito...a ofensa ao silêncio...o que que é o silêncio?será que é um sagrado?será que é um mistério?se/éh::é uma coisa da vida...é uma coisa da vida...que a gente não conhece e que a gente não gosta porque nos assusta...o silêncio...o silêncio

[
 LP o que que a gente não conhece?

MT ele é assustador...por isso a gente evita...

Ao citar a obra *O Inominável*, Márcia Tiburi tenta demonstrar que o silêncio é significativo, embora algumas pessoas não o conheçam bem e ainda se assustem com ele. A narração do conteúdo do livro ilustra a idéia de silêncio estabelecida pela maioria das integrantes do grupo e defendida por Márcia Tiburi, que reforça, antecipadamente, o contra argumento posto por Luana Piovani, como se pode

observar no exemplo 14 (anexo C, lin.266-290;p.129), em que a locutora indica não entender a idéia de silêncio, que já era aceita pelo grupo e, não concordar com a mesma. Podemos detectar o consenso das interlocutoras a respeito do conceito apresentado, quando a locutora Mônica Waldvogel formula seu discurso com os marcadores “é isso...”, “a gente...”, “é isso mesmo...”, “é exatamente isso...” e, assim, referenda a opinião do grupo. Dessa maneira, há o reforço para adesão à regra conhecida e aceita pelo grupo.

(14)

- LP não...*eu não acho o silêncio assustador...eu não acho que a gente não conheça o silêncio...*
- MT [por que Luana?
- LP [porque claro que a vida que a gente leva...hoje este planeta está completamente tomado pelo *barulho*...pelo *ruído*...
- MW [*de certa forma é isso que a gente vem falando...o fato de você viVER uma vida de ruídos e de invasões...invasão de sons de palavras...nós mesmas aqui...fazemos um barulho danado pra quem tá lá em casa...*
- LP mas a gente tem um silêncio interno...tem silêncio mental aí você pelo menos eu imagino...que nós ...pelo menos nós quatro aqui...a gente...a gente tem a opção de estar em silêncio...
- MT [*mutismo...mutismo não é silêncio...*
- LP acontece isso muitas vezes assim de eu acordAR em casa no final de semana e é folga...não tem ninguém trabalhando...aí eu acordo e daí eu levanto vô...tomo meu leite...daí dô comidinha pro meu peixe num sei quê...daí quando eu vejo...eu tô há uma hora e meia fazendo coisinhas tro/ca::ra...quando eu me dô conta disso eu falo que delí::cia que casa que me traz paz...que sensação bo::a...
- MW [*ah::mas é isso mesmo que ela tá falando...acho que é exatamente isso que é você saber... que também permite ouvir algo ou alguém né?*

LP ah::mas é isso... acho que a gente conhece o silêncio...então...

As interlocutoras constroem uma definição do que pode ser o mutismo e o silêncio, estabelecendo, para ambos, ações diferentes. Uma ação refere-se ao fato de que o direito de escolha de falar ou não está de certa maneira ligada ao interior de cada pessoa; a outra, refere-se à ausência de ruídos e pode estar ligada ao exterior de cada um. Esse procedimento que encaminha a argumentação do particular ao particular, segundo Perelman e Olbrechts-Tyteca (1996), faz que se passe do exemplo à conclusão sem se anunciar uma regra, como nos demais casos estudados.

Em geral, a linha que separa o exemplo da ilustração é muito tênue, mas essa diferença existente entre ambos deve ser considerada. Para que essa diferença seja conhecida, analisaremos, a seguir, o argumento pela ilustração.

4.4 O ARGUMENTO PELA ILUSTRAÇÃO

A ilustração, em geral, corrobora com o exemplo dando credibilidade aos acontecimentos. Conforme abordagens feitas anteriormente à página 36, para que o locutor obtenha atenção do público/telespectador, é necessário que ele se utilize de elementos que impressionem o auditório. O uso da ilustração como elemento de indução e de testemunho, pode aumentar o efeito de presença do público/telespectador. Tanto a ilustração por indução, quanto a por testemunho, conforme

indicamos à página 37, servem para o fortalecimento do tema debatido e do exemplo inserido nesse tema.

Em razão de a ilustração ter por objetivo conferir a presença, deverá, por vezes, ser desenvolvida e conter detalhes concretos, para que não seja mal interpretada. No exemplo 15 (anexo A, lin.25-30;109), retirado do bloco I, a locutora Mônica Waldvogel lança um questionamento sobre o que mais mexe com as interlocutoras - se a corrupção desgovernada ou a devastação impiedosa. A interlocutora Betty Lago fala sobre o que para ela é mais grave - a devastação impiedosa – e cita o caso da Mata Amazônica. Nesse momento, ela ilustra seu exemplo dando um testemunho detalhado de fatos concretos de sua viagem, fortalecendo a idéia de que a devastação não está noticiada nos jornais todos os dias, mas é algo que acontece indiscriminadamente. A locutora procura chamar a atenção das interlocutoras para fatos, como: “as horas seguidas de viagem”, “o abandono dos locais visitados”, “o comércio ilegal de madeira”; intensificando a idéia de distância percorrida, com a repetição dos advérbios “muito...” “exatamente” e a utilização do advérbio “completamente...”. Seu discurso é também marcado por elementos prosódicos, que promove um efeito de sentido de indignação pelo que estava ocorrendo naquele momento.

(15)

(...)

BL devastação impiedosa...*acho* que a corrupção de certa maneira a gente tá::infelizmente...

MW [da floresta

BL *é horrível falar nisso*...mas a gente até se acostuma um pouco a abrir os jornais e cada dia tem uma cpi...é a cpi do bingo...é a cpi dos correios...a cpi...eh...tinha...

MW [tinha cpi...agora já não tem mais...

BL *exatamente...eh sim...eu acho que a devastação toca mais assim...profundamente::e não é só uma coisa DO Brasil...é uma coisa que ...que...reflete no mundo TDo...não é?então éh::éh:: muito...exatamente TRISte você...eu tava contando antes né...*

[

LP *nossa sobrevivência...*

BL *que eu fui fazer um trabalho em Ron/Rondônia e::a gente viajou pra dentro da/da floresta assim...oi/oito horas e depois mais seis horas pra ficar mais perto dos seringais eh... o que paSSOU de camiNHÕES CHElos de TORas gigantEScas de maDEIra eh...não nunca passou um carro de polícia...ou...ou...sei lá...então carro de polícia é hilário, né? ((risos))*

[

MW *do IBAMA...da polícia federal...*

[

LP *do controle...*

BL *ou carro de polícia...coisa hilária...sim...mas alguém fazendo uma vigilância nesse trecho...*

[

LP *é podia ser alguém...*

BL *mas...eh como eu tava te falando antes...mas a gente fez uma viagem...muito...muito...muito longe assim do centro de...de...Porto Velho...entendeu?eh::uma coisa assim completamente abandoNAda chega dá...dá uma tristeza muito grande...*

No caso ilustrado acima, vimos que a regra conhecida e aceita é a de que a devastação está acontecendo todos os dias e não é tão divulgada de modo que assim se pudesse ter uma fiscalização mais eficiente nesse setor. A ilustração feita pela locutora Betty Lago, com detalhes concretos e particulares, tende a reforçar a adesão do público/telespectador à regra conhecida.

Uma outra maneira de ilustrar ocorre através da indução. Esta leva o locutor a explicar uma determinada situação, construindo o enunciado com a enumeração de casos particulares, o que pode ser observado no exemplo 16 (anexo B, lin.314-24;p.115), em que a locutora Luana Piovani lança o assunto sobre o crescimento da prostituição infantil. A locutora reforça seu discurso utilizando-se da repetição das

idéias contidas em diferentes elementos lingüísticos, como: “prostituição infantil”, “abuso sexual de menores”, “... crianças se prostituem”, “... elas estão se prostituindo”, para despertar no público/telespectador interesse pelo assunto e possivelmente induzi-lo a agir diante de algum acontecimento referente ao tema debatido.

(16)

LP uma matéria que a semana passada me chamou atenção e que essa semana voltou a tá nos jornais e me chamou muita *atenção porque eu tenho uma relação de trabalho com criança...que é a prostituição infantil e o abuso sexual de menores...que é uma coisa que tá crescendo a cada dia que passa...cinquenta e um por cento das prost/crianças se prostituem e...elas estão se prostituindo porque houve um abuso sexual em casa...a OAB vai tá lançando em breve...uma campanha que chama mamãe foi à roça e papai NÃO foi trabalhar...então acho importante a gente tá alerta a isso...acho legal as pessoas pelo menos tentarem romar consciência de...de avisar se souber...tem o número do disque denúncia...181...porque as crianças assim...a mãe não conta...as crianças ficam com vergonha...*

O assunto vai sendo desenvolvido através de abordagens feitas a partir de trabalhos realizados pela locutora. Esta se refere ao fato de que a participação das mães nesse processo de violência sexual ao menor é de suma importância, uma vez que muitas mães não denunciam o abuso, por cumplicidade. Ela ilustra sua exposição com um ditado do senso comum, como se pode verificar no exemplo 17 (anexo A, lin.332-33;p.115)

(17)

MW porque a *mãe é CÚmplice...*

LP pois é...aqui tem uma frase maravilhosa...olha só...*mãe é a primeira a saber e a última a acreditar...então é isso...as crianças têm de sete a nove anos...*

As locutoras/interlocutoras Mônica Waldvogel e Luana Piovani explicitam que o aumento do problema da prostituição infantil e do abuso sexual se dá em decorrência da falta de denúncias. Tentam passar a idéia de que sempre que alguém perceber um caso de abuso de menor, seja ele em casa ou nos casos de turismo sexual, deverá notificar as autoridades que, por sua vez, tomarão as devidas providências. Fundamentam, através da ilustração, que a prostituição infantil está presente nos diversos segmentos sociais, retomando o conceito do caso particular.

No caso da ilustração por indução, no exemplo anteriormente citado, a regra de que a denúncia deve ser feita serve de apoio ao caso particular.

4.5 CONCLUSÃO DAS ANÁLISES

Tendo em vista as análises feitas, podemos concluir que o processamento do discurso das locutoras/interlocutoras tem baixo grau de polemicidade, não chegando a gerar conflitos aparentes entre elas. Embora o programa selecionado tenha o formato de debate, não se verifica um jogo de poder conflitante, em que um participante tenta impor-se ao outro, mas pode-se verificar um jogo de poder diferenciado, que faz que a seqüência de idéias e oposições seja negociada no decorrer do processo interacional. Pudemos observar com Fávero e Aquino (2002), que este processo se constituiu através de relações de convivência e familiaridade.

As estratégias utilizadas durante a interação mostram-nos que, em um grupo composto por mulheres, há a preocupação de que todas possam participar do processo interacional. Vimos também que as participantes dividem informações sobre os temas debatidos e falam sobre seus sentimentos, havendo no grupo muito mais cooperação do que competitividade, conforme indicamos à página 68, a partir da teoria de Kalcik (1975). As relações de poder exercidas pelas participantes são resultantes não apenas do gênero social, mas também da posição que cada uma possui na sociedade, criando uma identidade com um público particular.

A utilização de determinadas estratégias argumentativas como a citação, o exemplo e a ilustração faz que as mulheres, integrantes da interação, fortaleçam seus pontos de vista e possam construir, a partir desse discurso, uma identidade social.

Assim sendo, o estudo das estratégias argumentativas em um debate, cujo suporte é a mídia televisiva, permitiu observar não somente os diversos elementos interacionais, lingüísticos e argumentativos que podem auxiliar na compreensão da construção e desenvolvimento do discurso feminino, mas também detectar algumas especificidades de a mulher trazer para o seu discurso marcas peculiares, quais sejam: falar de si, de suas experiências, de sua família, de seus sentimento, conforme discutimos à página 74, a partir do que apresenta Coates (1993).

Nosso *corpus* trata de programa voltado ao público feminino, com participantes do sexo feminino e isso é significativo em termos culturais em nossa sociedade atual.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao iniciar este trabalho, observamos a necessidade de um estudo sobre o gênero social - feminino que fosse além das abordagens literárias já conhecidas e assim procedemos. A oralidade foi o fio condutor desta pesquisa, levando em conta o espaço midiático como lugar significativo de interação e de constituição de identidades.

Ao abordarmos questões relacionadas à mídia, recortamos a importância da mídia televisiva no processo de formação das identidades sociais, procedendo a um breve relato das mudanças sócio-econômicas-culturais que auxiliaram nesse processo. Concluímos com Thompson (1998) que a mídia constitui-se num espaço central não só para a difusão da informação, mas para a permanente construção da identidade social.

Abordamos, também, a importância do discurso televisivo como aquele que sedimenta um caminho de poder junto às massas, sendo, de acordo com Balogh (2002), o principal meio de formação de opinião. Vimos que no discurso televisivo, o locutor possui a função de manter um contato entre ele e o público, dessa maneira, a utilização dos esquemas interacionais (dílogos, trílogos e polílogos) é muito importante para a formação do texto coletivo.

Com relação ao gênero social - feminino fizemos um estudo sobre o processo histórico da noção de gênero na sociedade e pudemos observar que, embora haja alguns preceitos a respeito de como as mulheres devam se portar, há uma mudança gradativa e significativa na opinião de todos os segmentos sociais. Essas mudanças até em alguns programas televisivos, que há tempos eram considerados plenamente

masculinos e que, atualmente, já possuem mulheres, não apenas participando, mas conduzindo e com exclusividade de participação (só mulheres), como é o caso de Saia Justa. Outros exemplos que podem ser citados são os programas de esportes e até mesmo telejornais, que atualmente têm mulheres como apresentadoras e âncoras.

Pensar um estudo a partir da Teoria da Argumentação, associada aos preceitos dos Gêneros Discursivos e dos Gêneros Sociais, foi primordial para que se pudesse compreender as estratégias argumentativas utilizadas.

Ao privilegiarmos as estratégias argumentativas, detectamos a maneira pela qual as locutoras/interlocutoras desenvolvem argumentativamente seus discursos. Os resultados nos permitem dizer que o discurso televisivo, especificamente no programa Saia Justa, tende a apresentar ocorrências na utilização de argumentos como a citação, o exemplo e a ilustração. Essas ocorrências permearam grande parte do discurso que se atualizou a cada momento em que essas estratégias foram aplicadas, fazendo com que o discurso produzido durante a interação se tornasse pleno em argumentos e mais próximo do real. A soma dessas estratégias aos recursos oferecidos pela televisão colaborou para a desmistificação de que o discurso produzido por um grupo de mulheres é um discurso vazio.

A relação entre as participantes foi dinâmica, variando o papel locutora/interlocutora. Mesmo havendo a presença da mediadora, que iniciou o tópico e o encerrou ao final de cada bloco, os papéis foram alternados, ficando claro o acordo de direitos iguais de fala para as participantes da interação, havendo intermediação apenas no surgimento de um número marcante de sobreposição de

voz, o que não interferiu no desenvolvimento do discurso, ou no efeito de sentido produzido pelos argumentos utilizados.

Detectamos que há determinadas marcas no processo argumentativo feminino que são mais recorrentes na organização discursiva. Além da sobreposição de vozes, que muitas vezes teve a função de fortalecer o discurso da outra participante, observamos também um discurso em que a exposição do ponto de vista foi permeado por impressões e experiências pessoais, com exemplos e ilustrações particulares. De certa forma, a utilização de experiências pessoais cria uma comunhão com o público/telespectador e, possivelmente, leve-o à adesão às idéias propostas. Nosso objetivo não é o de afirmar que essas estratégias sejam exclusivas do discurso feminino, mas sim, que elas ocorrem na organização desse discurso e são significativas.

Os tópicos debatidos durante o programa foram de cunho universal dando, a cada uma das participantes do processo discursivo, a liberdade de posicionamento de acordo com seu perfil que, indiretamente, é o novo perfil feminino que se vem delineando através dos tempos.

Esse novo perfil pode ser revelado através da postura feminina diante de determinados assuntos político-sociais, como observamos nas análises; da participação efetiva da mulher no mercado de trabalho, como ocorre com as participantes do programa que constitui nosso corpus; do posicionamento da mulher na esfera política, como ocorreu no momento em que trataram de temas atuais e significativos (por exemplo, a corrupção); da reivindicação da mulher a respeito de uma programação televisiva que exiba temas universais que possam ser debatidos

por mulheres, direcionando-se a uma grade diversificada dos programas atuais de variedades, como ocorre com o programa Saia Justa.

Restam ainda muitas pesquisas a serem realizadas, e convém salientar que nosso objetivo não foi o de esgotar as possibilidades de análise das ocorrências de estratégias argumentativas, mas observar algumas possibilidades de utilização das mesmas na constituição do discurso feminino.

Enfatizamos a importância dos estudos a respeito das estratégias argumentativas utilizadas com maior ocorrência na organização do discurso feminino televisivo, para que se possa entender melhor esse discurso.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- AEBISCHER, V.; FOREL, C. (orgs.). *Falas masculinas, falas femininas? Sexo e Linguagem*. São Paulo: Brasiliense, 1991.
- _____. Tagarelice: sentido habitual e lingüístico. In: AEBISCHER, V.; FOREL, C. (orgs.). *Falas masculinas, falas femininas? Sexo e Linguagem*. São Paulo: Brasiliense, 1991.
- ANDRÉ-LAROCHEBOUVY, D. *La conversation quotidienne: introduction à l'analyse sémiotique de la conversation*. Paris: Crédif., 1984.
- ANTAKI, Ch.; WIDDICOMBE, S. *Identities in Talk*. London: Sage, 1998.
- AQUINO, Z.G.O.de . *A mudança de Tópico no Discurso oral dialogado*. Dissertação de Mestrado, PUC/USP, 1991.
- _____. Diálogos da mídia: o debate televisivo. In: PRETI, D.(org) *Diálogos na fala e na escrita*. São Paulo: Humanitas FFLCH/USP, 2005.
- BALOGH, A.M. *O discurso ficcional da TV –Sedução em doses homeopáticas*. São Paulo: EDUSP, 2002.
- BAQUERO, M. Participação política na América Latina: problemas de conceituação. *Revista Brasileira de Estudos Políticos*, n.57, 1981
- BARKER, CH. *Televisión, globalización e identidades culturales*. Barcelona: Paidós, 2003.
- BLACHMAN, M.J. Problemas encontrados en la investigación de la actividad política organizada de la Mujer en Brasil. In: ENERO, E. E CARMEN, M. del (org). *Perspectivas femininas en la America Latina*. México: Sepsetentas, 1976.
- BODINE, A. Sexocentrismo e pesquisas lingüísticas. In: AEBISCHER, V. e FOREL, C. *Falas Masculinas, Falas Femininas? Sexo e Linguagem*. São Paulo: Brasiliense, 1991.
- BAKHTIN, M. *Estética da criação verbal*. São Paulo: Martins Fontes, 1982.
- BAUDRILLARD, J. *A sociedade de consumo*. Lisboa: Edições 70, 1995.
- BAUMAN, Z. *O mal-estar da Pós- modernidade*. Rio de Janeiro: Zahar, 1998.
- BRAIT, B. O processo interacional na conversação. In: CAMPOS. O.G.L.A.S. *Tendências atuais no estudo da Língua Falada*, n.2, Araraquara: UNESP, 1993.
- BUTLER, J. *Gender Trouble. Feminism and Subversion of Identity*. Routledge: New York. [Traducción española: *El género en disputa*. Paidós: México, 2001], 1990; 1999.
- CALDEIRA, T. *Mulheres, cotidiano e política*. São Paulo: Cebrap, 1985.

- CAPLOW, T. *Two against one: coalitions in triads*. Englewood Cliffs: Prentice-Hall, 1968 (1983)
- CARRAHER, D. W. *Senso crítico: do dia-a-dia às ciências humanas*. São Paulo: Pioneira Thompson Learning, 2002.
- CASTILHO, A.T. *A língua falada no ensino do Português*. São Paulo: Contexto, 1986.
- _____, A.T.; PRETI, D. *A linguagem falada culta na cidade de São Paulo: Diálogos entre dois informantes*. São Paulo: T.A. Queiroz/FAPESP, Projeto NURC/SP. v.II, 1987.
- CHOULIARAK L; FAIRCLOUGH, N. *Discourse in Late Modernity*. Edinburgh: Edinburgh University Press, 1999.
- COATES, J. *Women, Men and Language: a sociolinguistic account of gender differences in language*. London & New York: Longman, 1993.
- DOLZ, J.; ERARD, S; MORO, C. *L'interview radiophonique: un genre à enseigner*. Paris: Enjeux, n.40, 1996.
- FAIRCLOUGH, N. *Critical Discourse Analysis: The Critical Study of Language*. London / New York: Longman, 1995.
- _____. *Media Discourse*. Londres: Arnold, 1992.
- FÁVERO, L. L. A entrevista na fala e na escrita. In: PRETI, D. (org.) *Fala e escrita em questão*. São Paulo: Humanitas, FFLCH/USP, 2000.
- _____; AQUINO, Z.G.O. Tópico discursivo. In: PRETI, D. (org.) *Análise de textos orais*. São Paulo: Humanitas, FFLCH/USP, 2003.
- FELDMAN-BIANCO, B. *Sex, Class and Power: Women's Role in Brazilian Local Level Politics*. VII National Meeting of the Latin American Studies Association, Atlanta, 1976.
- FERNANDEZ, J. *Género e Sociedad*. Madrid: Pirâmide, 1996.
- FISCHER, R.M.B. Mídia e educação da mulher: uma discussão teórica sobre os modos de enunciar feminino na TV. *Revista Estudos Feministas*. Santa Catarina: UFSC, v.9, n.2, 2001.
- _____. *Técnicas de si na TV: a mídia se faz pedagógica*. In: *Educação*. UNISINOS, São Leopoldo-RS, v.4, n.7, 2000.
- FRASER, N. A justiça social na globalização: redistribuição, reconhecimento e participação. In: *Revista Crítica das Ciências Sociais*, 2002.

- FRAZER, J.G. *A suggestion to the origin of gender in language fortnightlyReview*, n.73, 1900.
- FRIDMAN, L.C. *Vertigens pós-modernas*. Rio de Janeiro: Resume Dumará, 2000.
- GALLI de' Paratesi, N. As palavras tabus e a mulher. In: *Falas masculinas, falas femininas? Sexo e Linguagem*. São Paulo: Brasiliense, 1991.
- GASPAR, A. In: *Instituições de Retórica Forense*. Editora Minerva: Coimbra, 1998.
- GIDDENS, A. *Modernity and Self-Identity: Self and Society in the Late Modern Age*. Cambridge: Polity Press. (trad. cast. : *Modernidad e identidad del yo: el yo y la sociedad en la época contemporánea*. Barcelona: Península, 1997)
- GOLDBERG, A. Feminismo no Brasil contemporâneo: o percurso intelectual de um ideário político. *BIB*: Rio de Janeiro, n. 28, 1989.
- GOFFMAN, E. *Interaction Ritual: essays on face to face behavior*. New York, Basic Books, 1967.
- _____. *Forms of talk*. Philadelphia: University of Pennsylvania Press, 1981.
- GRADDOL, D.; SWANN, J. *Gender Voices*. . Oxford: Blackwel, 1992.
- GREATBACH, D. A turn-taking system for British news interviews. *Lingue Française*, n.52, 1988.
- GREIMAS, A.J. *Sobre o sentido*. São Paulo: Vozes, 1979.
- GRICE, H.P. Lógica e conversação. In: DASCAL, M (org) *Fundamentos metodológicos da linguagem*, Campinas, v.4, 1960.
- GROSSI, M. P. e PEDRO, J.M. (orgs.) *Masculino, feminino, plural: gênero na interdisciplinaridade*. Ed. Mulheres, Florianópolis, 1990.
- HALL, S. The question of cultural identity. In: S. Hall, D. Held i T. Mc Grew (comp.) *Modernity and its Futures*. Cambridge: Polity Press, 1992.
- _____. *Representation: Cultural Representations and Signifying Practices*. Londres: Sage, 1997.
- HILGERT, J.G. A colaboração do ouvinte na construção do enunciado do falante – um caso de interação intraturno. In; Preti, D. (org.). *Interação na fala e na escrita*. São Paulo: Humanitas, FFLCH/USP, 2002.
- KALCIK, S. Like Ann's gynaecologist or the time I was almost raped – personal narratives in women's rap groups. *Journal of American Folklore* 88:3-11, 1975.
- KEHL, M. R. A Mulher e a Lei. In: NOVAES, A. (orgs.). *Ética*. São Paulo: Companhia das Letras, 1992.

- _____. (org.). *Função fraterna*. Rio de Janeiro: Resumé-Dumará, 2000.
- KERBRAT-ORECCHIONI, C. *Les intertions verbales*. Paris: Amand Collins 1, 1990.
- KOCH, I.V. *Argumentação e Linguagem*. São Paulo: Cortez, 7.ed., 2002a.
- LAKOFF, R.T. The logic of politeness: minding your p's and q's. Paper form the 9th Regional meeting Chicago Linguistic Society, 1975.
- LAZAR, M.M. Politicizing Gender in Discourse: Feminist Critical Discourse Analysis as Political Perspective and Práxis. In: _____. *Feminist Critical Discourse Analysis*. Gender, Power and Ideology in Discourse. New York: Palgrave, 2005.
- LÉON, J. *Les entretiens publics em France: analyse conversationnelle e prosodique*. Paris: CNRS Editions, 1999.
- LIPOVETSKY, G. *A terceira mulher: permanência e revolução do feminino*. São Paulo: Companhia das Letras, 2000.
- LOCHARD, G. Discurso e informação televisionada: Evolução e Estratégia. In: *O discurso da mídia*. Rio de Janeiro: Ed. Do Autor., 1996.
- LOCKE, J. L. Social sound making as a precursor to spoken language. In: HURFORD, J.R; STUDDERT-KENNEDY, M.; KNIGHT, C. (ed.). *Approaches to the Evolution of language: social and cognitive bases*. Cambridge: University Press, 1998.
- LUHMANN, N. *A nova teoria dos sistemas*. Porto Alegre, Editora da Universidade Goethe Institut, 1997.
- MALHEIROS, S.M. e GROSSI, M.P. A trajetória do conceito de gênero nos estudos sobre a Mulher. *Calhamaço*, n.2. LEC., 1990.
- MARCUSCHI, L.A. (ed.). *Análise da Conversação*. São Paulo: Ática, 1986.
- MEDRADO, B. Produção de sentidos no cotidiano: uma abordagem teórico-metodológica para análise das práticas discursivas. In: SPINK, M.J.P.(org.) *Práticas discursivas e produção de sentidos no cotidiano: aproximações teóricas e metodológicas*. São Paulo: Cortez, 2000.
- MOITA LOPES, L.P. Socioconstucionismo: discurso e identidades sociais. In: _____. (org.). *Discurso de Identidades*. Campinas: Mercado das Letras, 2003a.
- _____. *Identidades fragmentadas*. Campinas: Mercado das Letras, 2002.
- MOSCA, L. do L. S. Velhas e Novas Retóricas: Convergências e Desdobramentos. In: _____. (org.). *Retóricas de Ontem e de Hoje*. São Paulo: Humanitas, FFLCH/USP, 2004.

- OLÉRON, P. *L' Argumentation*. Trad. FRANCO, C. Presses Universitaires de France, 1983.
- OSAKABE, H. *Argumentação e Discurso político*. São Paulo: Martins Fontes, 2.ed.,1999.
- PATEMAN, C. Feminist Critiques of the Public/Private Dichotomy. In: BENN, S. I., e GAUS, G. F. (ed.). *Public and Private and Social Life*. London: Croom Helm, 1983.
- PERELMAN,C.;OLBRECHTS-TYTECA,L. *Traité de l'argumentation. La nouvelle rhetotique*. 4 ed. Bruxelles: Édtions de l' Université de Bruxelles, 1958. (1996)
- PRETI, D. *Análise de textos orais*. São Paulo: Humanitas FFLCH/USP, 1993.
- RAGO, M. Descobrimo historicamente o gênero. In: BESSA, K.A. *Caderno Pagu*, n. 11. Núcleo de Estudos de Gênero. UNICAMP: Campinas, 1998.
- REVISTA DE CINEMA. Disponível em: <<http://www.ietv.org.br> > Acesso em: 15/02/2007.
- RIBAS B. M. Dominant Public Discourse an Social Identities. In: M. Pütz, J. Neff and T. Van Dijk. *Comunicating Ideologies: Multidisciplinary Perspectives on Language, Discourse and Social Practice*. Frankfurt / New York / Paris / Berne: Peter Lang, 2004.
- ROSA, M. *Marcadores de atenuação*. São Paulo: Contexto, 1992.
- SCHEGLOFF, E. E. Sequencing in Conversational openings. In: Gumperz, J. J. & Hymes, D.(eds.).*Directions in Sociolinguistics*.New York: Holt, Rinehart & Winston, 1972.
- SCOTT, J. La experiencia como prueba. In: N. Carbonell i M. Torras [eds.] *Feminismos literários*. Madrid: Arco libros. [orig. The Evidence of Experience. Critical Enquiry], 1999.
- _____. Gênero: uma categoria útil de análise histórica. In: *Educação e Realidade*, v. 16, n. 2; v.20 (2), 1990. (1995).
- SILTANEN, J., e STANWORTH, M. The Politics of Private Woman and Public Man. *Theory and Society*, v. 13, 1984.
- SILVA, T. (org.). *Identidade e diferença: a perspectiva dos estudos culturais*. Petrópolis, Rio de Janeiro: Vozes, 2000.
- SILVA, L. A. Conversação: modelos de análise. IN: SILVA, L.A.(org.) *A Língua que falamos*. São Paulo: Globo, 2005.
- STOLLER, R. *Masculinidade e feminilidade –Apresentações do gênero*. Artes Médicas, Porto Alegre, 1993.

- STUBBS, M. *Análisis Del Discurso*. Madrid: Aliança Editorial, 1987.
- SUARÉZ, M. *Considerações de gênero para a promoção da saúde*. Brasília:OPS, mimeo 05, 1996.
- TANNEN, D. Gender and conversation interaction. In: *Psychology of women quarterly*. N.Y.& Oxford University Press, 1993.
- _____. *You just don't understand: woman and man in conversation*. New paperback edition: NY: Quill, 2001.
- _____. *Gender and Discourse*. N.Y.& Oxford: Oxford University Press, 1996.
- TAYLOR, T.; CAMERON, D. *Analysing conversation*. Rules and units in the structure of talk. Oxford: Pergamon Press, 1987.
- THOMPSON, J.B. *A mídia e a modernidade*. Petrópolis, Rio de Janeiro: Vozes, 1998. (2002).
- THORNE, B ; HENLEY, N. *Language and sex: Difference and dominance*. Rowley Mass: Newbury House, 1975.
- TVER. Disponível em: http://www.campo.org.br/artigo_03 Acesso em: 15/10/2006.
- URBANO, H. Marcadores conversacionais. In: Preti, D. (org.). *Análise de textos orais*. São Paulo: Humanitas, FFLCH/USP, 2003.
- VOGT, C. *Linguagem Pragmática e Ideologia*. São Paulo:Hucitec/Fucamp, 1989.
- WEST, C. Estratégias de Conversação. In: AEBISCHER, V.; FOREL, C. (orgs.). *Falas masculinas, falas femininas? Sexo e Linguagem*. São Paulo: Brasiliense, 1991.
- WODAK, R.; MEYER, M. *Methods of Critical Discourse Analysis*. London: Sage Publications, 2002.
- _____. (2005). Gender Mainstreaming and European Union: Interdisciplinarity, gender studies and CDA. In: LAZAR, M.M. (2005). *Feminist Critical Discourse Analysis*. Gender, Power and Ideology in Discourse. New York: Palgrave.

ANEXOS

ANEXO A

Programa Saia Justa

Horário:22h30min

Data:08/02/2006

Apresentadora: Mônica Waldvogel; Marcia Tiburi; Beth Lago e Luana Piovani

Tópico: Devastação X Corrupção - Bloco I

- 5 MW olá... responda depressa aí em casa...tanta denúncia de corrupção no Brasil é sinal de que ela está aumentAndo...ou é sinal de que MAIS corruptos estão sendo apanhados?...há gente importante...analistas estudiosos que respondem sim a estas perguntas...mas numa semana em que a CPI está batendo na porta do goVERno LULA...que o mundo fechou o foco na devastação degovernada da floresta amaZÔNica...que assunto que mexeu mais::com vocês...ou foi algum outro...ain::da...a corrupção...desgovernada ou a devastação impiedosa?
- 10 LP uhm...
BL devastação impiedosa...acho que a corrupção de certa maneira a gente tá::infelizmente...
- 15 MW [da floresta
BL é horrível falar nisso...mas a gente até se acostuma um pouco a abrir os jornais e cada dia tem uma cpi...é a cpi do bingo...é a cpi dos correios...a cpi...eh...tinha...
- 20 MW [tinha cpi...agora já não tem mais...
BL exatamente...eh sim...eu acho que a devastação toca mais assim...profundamente::e não é só uma coisa DO Brasil...é uma coisa que ...que...reflete no mundo TOdo...não é?então éh::éh:: muito...exatamente TRISte você...eu tava contando antes né...
- 25 LP [nossa sobrevivência...
BL como eu tava te falando antes...que eu fui fazer um trabalho em ron/rondônia e::a gente viajou pra dentro da/da floresta assim...oi/oito horas e depois mais seis horas pra ficar mais perto dos seringais eh... o que paSSOU de camiNHÕES CHElos de TORas giganTEScas de maDElra eh...não nunca passou um carro de polícia...ou...ou...sei lá...então carro de polícia é hilário, né? ((risos))
- 30 MW [do IBAMA...da polícia federal...
LP [do controle...

- 40 BL ou carro de polícia...coisa hilária...sim...mas alguém fazendo uma vigilância nesse trecho...
[
LP é podia ser alguém...
BL mas...eh::mas a gente fez uma viagem...muito...muito...muito longe assim do centro de...de...Porto Velho...entendeu?eh::uma coisa assim
45 completamente abandoNA da chega dá...dá uma tristeza muito grande...
[
MW tem uma foto...acho que foi de um economista que publicou...né?que você via exatamente o movimento
LP [
50 MW da...da/do aumento da soja com a fronteira e a...e a...
[
LP que é de seis por cento né...né?
MW floresta a gente percebe que é...que é questão de tempo se avançando pra onde é a ...e que::é...
55 [
LP tá ali...tá ali...exatamente...
MW assustador que o governo Lula né...a ministra Marina Silva que é bem intencionada no meio ambiente...e não tem conseguido...
60 [
BL coitada...intencionada...e soli/e totalmente solitária...né...me parece que ela fixa ali...não sei...não tem a impressão que ela tá sempre gritando e não consegue ser ouvida...não tem a sensação assim de tudo que ela...
[
65 MW é...o problema da Amazônia é que a maior parte...a imensa maioria acho que setenta por cento se não me engano o número...é terra pública...é terra do governo...é terra sem dono...então as pessoas invadem eh::pra transformar aquilo numa pequena propriedade produtiva...depois numa média e depois numa enorme propriedade...então
70 o governo tem obrigação de vigiar porque a terra e o Brasil...é de todos os brasileiros...mas é muito grande...então ninguém consegue vigiar..
[
LP é que o governo tá dando mole com tanta coisa né...imagina se ele vai TALvez se lemBRAR de cuiDAR da Amazônia
75 MT sim...eh::é um governo...não lu...você tem razão lu...é um governo corrupto...eh::historicamente corrupto...
[
LP não tô falando que é certo...
80 MT então que o PT seja...corrupto também...apenas revela::ah::o nosso processo mais ou menos histórico e longo...e eu acho que esses dois temas eles ...
[
MW a gente não se livra do destino...né?
85 MT chamam:: e/eles ferem porque eles tão se mostrando como crônicos...a Amazônia...enfim...o aquífero guarani ou qualquer outro...
[
MW aquífero guarani deve ser lá no Rio Grande do Sul...né?

- 95 MT não...aquela história do...não é São Paulo até:: a maior parte do aquífero até onde eu sei...tá na região sudeste...depois nordeste...
[
MW mas acho que lá os pontos de geografia são diferentes porque eu nunca tinha ouvido falar...
MT não...mas é a história daquela super reserva de água que está debaixo de assim...de vários estados brasileiros...pega também o
100 Uruguai...Paraguai..e pega ali por baixo...
[
MW por causa da represa Itaipú...né?
MT que vai ser objeto de exploração futura né...como a Amazônia é objeto de exploração tanto de brasileiros como de estrangeiros eh:: o que tá em jogo
105 nessa história toda...se a gente vai atrás assim lá na história pretérita ah:: da humanidade como um todo...justamente a nossa sobrevivência mas também nossa concepção que a gente tem de natureza...né...que que nós queremos com a natureza...é mais do que essa coisa de estarmos nós sobrevivendo eh::em função dela...o respeito mesmo que a gente tem em
110 relação ao planeta que nós habitamos do qual a gente faz parte...
[
MW ah...mas aqui ninguém respeita um clips que é do estado...o Brasil tem alguma...coisa...ah::eu até falei...perguntei se é::eh::destino isso...ou seja...ele nunca vai conseguir se livrar ou se tem alguma...algum defeito no caráter brasileiro...que que faz com que a gente repetidamente caia sempre nessa mesma armadilha...vocês viram a entrevista do João Ubaldo Ribeiro...na Veja...
115 [
BL nossa...eu ia falá nisso aGOra...
120 [
MW deu muita corrupção ele...ele pôs o dedo na ferida porque disse assim...somos TODos corruptos ah::
[
MT isso é grave...
125 MW o pobre que rouba a merenda escolar...não sei do ...
[
LP o povo...o pobre...o governo...
MW que ... e o o Roberto Jeferson que...do PTB que pega a parte da/do...do cargo público que ele tem pra fazer o::dividir o butim...né?...vamo lá...quanto é que você me dá...quatrocentos mil por mês...e você...quanto que é que é...tá a informação na Veja assustadora que ele reunia todos os indiCADos por ele...que estão em cargos públicos pra...estabelecer metas eh::
130 [
LP pra pegar um dinheirinho...
135 MW por favor...vamos roubar melhor...vamos roubar....
[
LP não...e coloca várias empresas na roda...né...não fala só dos correios não...ali...sem saber tava todo mundo se ligando no que ele tava dizendo
140 ele diz outra...diz outra quer dizer as estaTAIS...meu bem...tão ali nas mãos de não sei quem...né...
[
MW mas...mas...cada um tem uma...o Severino disse que queria uma diretoria na petrobrás

- LP [todo mundo levando sua bolinha...todo mundo levando sua bolinha...
- MW mas que queria uma diretoria importante daquelas que furam poço e compram máquinas...
- 150 LP [onde eu puder colocar pernambucano eu coloco...ai meu Deus do céu...
- BL sabe...mas sabe o que é interessante assim...passando ah::completamente pro outro lado...como é que alguém cai numa arapuca...de ser filmado né...oferecendo propina...você liga a televisão todo dia tem...no fantástico...não sei onde como é que esses caras eles...eles...é muita cara de...
- 155 MW [mas qual é a alternativa...a alternativa é roubar... pau...sim mas é muita cara de pau achar assim...é é muito se achar acima do...imaginar que NINGuém vai filmar...que aquela pessoa ali não vai usar...porque tudo...
- BL
- MW [já viu brincar de roleta russa...assim que tem uma bala...você gira o tambor...você diz assim...pode ser que seja eu pode...
- 165 BL [com certeza...
- MW ser que não seja...eu tenho cinco chances em uma de morrer...então você rouba rouba rouba...
- 170 BL [é inacreditável...eles têm uma desenvoltura...
- LP [enquanto dá tempo né...depois eu penso no que fazer...comigo não vai acontecer nada...eu sou...super esperto...
- 175 MW [se for minha vez também...eu tô com uma câmera secreta aqui...dancei...
- MT mas isso mostra como a noção de política e a noção de poder que o povo brasileiro ah::tem ao fim e ao cabo é totalmente doente né...porque o povo brasileiro eLEge esses políticos que são ao fim e ao cabo também...representações...da sua própria vida
- 180 MW [de si...
- MT então que o João Ubaldo Ribeiro chega e diga...não que ele diga isso...
- BL [os votos que não são comprados né...
- MW [sim mas o cara vende ...com o voto ele já está se corrompendo...
- 190 LP [já tá errado ali...
- BL [ah sim...mas ele acha que não é nada de mais...né?
- 195 MW quem?
- BL de quem vende né?ele acha que não é nada de mais
- [

- 205 MW sim...mas é um eleitor corrupto...
 []
 MT sim mas faz parte da estrutura
 do poder...
 []
 210 MW ele já tá vendendo um direiro dele...
 []
 MT sim ele tá vendendo o que ele tem pra
 barganhar numaestrutura que já é corrupta e o que é que é a corrupção?é
 uma falta de::respeito e de compreensão do significado da política
 então...eu acho que está em jogo a história de vivermos numa selva
 215 de...uma selva eh::uma luta de todos contra todos ao fim da história...
 BL uma selva que está acabando inclusive...voltando aos patamares
 ((risos))
 LP ah::é...
 220 MT mas aí...
 []
 BL houve até o desmatamento...
 []
 MT a política virou o espaço...o espaço do banIdo... então
 225 justamente o sujeito que deveria ser banido pra dentro da selva...ele foi
 banido pra uma outra selva que é o mundo da urbis...da cidade
 []
 MW mas eu acho que a gente tem que tomar
 um pouco de cuidado...eu acho dizer que...o político é o espaço do
 230 bandido...é muito radical...porque tem gente de bem também lá...
 []
 MT não...eu concordo...
 []
 LP pouquinho...bem pouquinho...bem pouquinho...
 []
 235 BL mas tem...
 []
 LP tem e eu sei...graças a Deus né...e é o que faz a gente acordar todo
 dia
 []
 240 MW vamos ver quanto tempo eles aguentam...quanto tempo eles
 suportam ficar...
 []
 MT mas Mônica...você não acha que a
 245 compreensão que o brasileiro tem da esfera política é uma
 com/compreensão completamente negativa?...então você pensa que a
 []
 MW claro...
 250 MT política é esse setor profissional onde alguns vão lutar por um poder que tá
 doente...que tá podre...e não se compreende... não se trata idéia da
 política::que é o espaço das relações que configuram então uma
 sociedade...então essa falta de noção do que é uma sociedade de
 responsabilidade e de respeito...saber o que que é uma democracia...saber
 o que que é escolha...saber o que que é se omitir também diante::dos fatos
 []

- 260 MW mas olha...sem querer ser muito careta...mas eu me lembro também que a Denise Frossat que foi juíza lá no Rio comentando sobre corrupção na política do Rio de Janeiro...ela dizia...não adianta a gente achar que...investigando a poLícia nos vamos conseguir acabar com a corrupção dela porque tem que começar de cima...ah::você consertando o judiciário...o ministério público que também são corruptos...você já dá o exemplo que muita gente que ia ser corrupta já se/desiste...porque eles dizem...se tão pagando juízes vão chegar até mim...e o que acontece no Brasil...acho que se pegam umas pessoas...os bodes expiatórios...levam eles pra frente da televisão...do jornal...aparecem algemados entrando na/nas viaturas depois você não...não sabe o que foi com o processo...mas não tem uma operação de limpeza assim sistemática...não tem quem faça
- 265 LP [eh::eu acho que no Brasil um dos grandes problemas é a impunidade...né?as pessoas não têm medo de...de
- 270 LP [nada...
- 275 MW correr o risco...eu tava lendo uma...uma matéria que os corruptos onde eles vão se esconder?eles não vão pra uma caverna ou pra selva que está acabando...eles vão pro congresso...porque as leis e os A-DE-VO-GA-DOS ((gestos))sempre dão um jeito...tão sempre barganhando...
- 280 LP [eles ficam...têm imunidade... exatamente...então quer dizer...eles se afastam um pouquinho do cargo três meses...abaixa a poeira quer dizer que é um país impune eh::as pessoas não têm medo então vamos ver até a hora que der...uma merda depois a gente dá um jeito...agora eu só ...
- 285 MW [mas o que tem de gente...e a única arma que se tem hoje são as tais câmeras...né Betty?os gravadores...
- 290 LP [queria tocar num outro assunto...
- 295 BL e todo mundo continua falando no telefone...né?oferecendo...tem muito louco porque ficam...
- 300 LP [outro assunto...
- 305 MT [é mas é a cortiça dos caras...né? a cortiça com as câmeras...
- 310 LP [não...não...eu só queria pedir pra gente não falar uma em cima da outra...
- 315 MT [joga o assunto...
- 320 BL [joga...
- 325 LP é pra jogar é?não pode pedir educadamente?eu jogo então...da próxima vez eu grito...só queria falar de
- 330 LP [

- BL eu não tô gritando...
- 315 LP uma matéria que a semana passada me chamou atenção e que essa semana voltou a tá nos jornais e me chamou muita atenção porque eu tenho uma relação de trabalho com criança...que é a prostituição infantil e o abuso sexual de menores...que é uma coisa que tá crescendo a cada dia que passa...cinquenta e um por cento das prost/crianças se prostituem e...elas estão se prostituindo porque houve um abuso sexual em casa...a
- 320 OAB vai tá lançando em breve...uma campanha que chama mamãe foi à roça e papai NÃO foi trabalhar...então acho importante a gente tá alerta a isso...acho legal as pessoas pelo menos tentarem tomar consciência de...de avisar se souber...tem o número do disque denúncia...181...porque as crianças assim...a mãe não conta...as crianças ficam com vergonha...
- 325 MW [porque a mãe é CÚmplice...
- LP [pois é...aqui tem uma frase maravilhosa...olha
- 330 só...mãe é a primeira a saber e a última a acreditar...então é isso...as crianças têm de sete a nove anos...
- MW [ela...ela...é CÚmplice do cara...do
- 335 LP marido do...do que às vezes é pai...que às vezes é padrasto...do... e o sexo tá custando cinco reais o sexo oral...dez reais o sexo completo...ela com doze anos...a maioria já tá grávida...são subnutridas...quer dizer...acho que também é um probleMAÇO...
- MW nossa...isso daí...uma boa parte é miséria...boa parte é uma falta de::toda e qualquer perspectiva...
- 340 LP [ah... e tem um lado muito interessante
- MW [eh...eh no que diz respeito à
- 345 violência doméstica não tem classe social...acontece em todas indiscriminadamente...né?
- LP [ricos pobres...letrados...os dois
- 350 primeiros estados com...os dois primeiros estados com esse problema de abuso sexual e de prostituição são...Santa Catarina que eu jaMAIS podia imaginar...a gente tem aquela impressão que o sul...as pessoas são...não sei se civilizadas mas talvez um pouco mais privilegiadas talvez pela sua consci/pela situação social...eu imaginei que no nordeste taria mais drástico...mas é Santa Catarina e Minas Gerais...São Paulo vem em quarto lugar...
- 355 MW mas sabe o que pode ser isso?porque Santa Catarina tem um serviço de notificação qualquer...ela já tá ah::talvez mais avançada por isso
- LP [de tá...de tá tendo notificação...de fazer...
- 360 MW [que as pessoas já têm algum canal pra dizer e denunciar...e ela noticia a estatística porque a prostituição infantil na Amazônia é...é enorme né?puxa toda hora sai foto lá
- BL [nossa...

- 370 LP [não...lá...lá em cima quase tudo...né? não só na Amazônia...
MW mas talvez as autoridades lá nem dêem bola...não notificam
- 375 LP [não tão achando que isso é problema...né?
MW então pode ser que lá seja maior por causa da notificação...
- 380 LP [eu tô registrando meu protesto...só...
BL [o próprio Rio de Janeiro que tem... que tem a
coisa desse ah::turismo sexual...todas aquelas meninas que ficam ali na
orla em Copacabana são menores de idade...de treze quatorze anos...quer
dzer...é outro tipo de...
- MW [tudo...
385 LP [mas tá tudo no mesmo saco...
BL mas tá dentro do que você tá falando...mas é...
MW [Fortaleza que é comum...né?com vinda de
turistas...
390 LP Ceará cinco reais o sexo também...tá tudo aqui...
MW olha...a psicanalista Maria Rita Kehl...ela diz que os brasileiros perdoam os
políticos corruptos...os políticos irresponsáveis e até os ditadores...mas
vivem ressentidos com seus governantes que não fazem a coisa certa...o
ressentimento é uma característica dos fracos...e é o nosso assunto para o
395 próximo bloco.

ANEXO B

Programa Saia Justa

Horário:22h30min

Data: 08/02/2006

Apresentadoras: Mônica Waldvogel; Márcia Tiburi; Beth Lago e Luana piovani

Tópico: Ressentimento - Bloco II

- 5 MW alimentar a mágoa todo santo dia...fazer projeto de vingança em vão...NÃO esquecer...NÃO perdoar...NÃO cogitar em qualquer hipótese superar a ofensa recebida...esses são os mandamentos dos ressentidos...o ressentimento esse veneno capaz de corroer corpo e alma...é o Nosso assunto de hoje...alguém aqui já tinha pensado sobre::ressentimento com essas funções?
- LP ai...ruim...demais isso tudo que você falo...foi me dando um::uma sensação ruim...um arrepio rui...ah que coisa ruim...ficá::planejando vinGAN::ça::eh::eh::
- 10 MW engraçado que o:: o ressentido planeja vingança mas não executa
LP porque talvez ele se libertasse
BL com certeza...mas eh::todos nós tivemos algum momento né?de planejar alguma coisa...ou não?
- 15 LP [ah...eu tenho os meus ressentimentos...eu sou um ser humano super normal...as pessoas quando me sacaneiam...eu fico super chateada::da...uns graças a Deus é o floral que eu es-que-ci no Rio de Janeiro...
- 20 MW [floral contra ressentimento...
((risos))
[ah::eh::
- 25 LP [ué::floral é contra tudo meu amor...eu tento passar a diante mas tem coisas que ficam mesmo assim...estou assumindo mes::mo que tenho::alguns pequenos nozinhos na minha vida que eu trabalho MUITo pra que se desfaçam...mas eu tenho sim...
- 30 MW mas acho que o ressentimento trata de outra coisa...trata realmente do::do sujeito envenenado...por um agravo...por uma ofensa qualquer

- 40 que ele::eh::decidiu porque vestiu aquilo como se fosse uma pele...que não vai se livrar...
[
LP mas aí é louco...
MW que não vai se livrar...sim mas acontece que isso é...
45 LP [é loucura...
BL [li isso num livro...não tem
alguma coisa sobre Yago?
MW eu aprendi muita coisa interessante aqui no::no livro da psicanalista Maria Rita Kehl...sobre ressentimento porque...
50 [exatamente...
BL ela diz que::é qual é uma...é uma parece uma patologia...uma neurose...o
MW sujeito::narcisista...se sente toMAdo por...por alguém que...em vez de fazer
55 qualquer coisa como ir lá e
[
LP RAiva...
MW resolver a questão... ele se põe na posição de vítima...o outro é
60 [dar um grito...
LP o CUL-PA-DO...e contra ele...ele projeta toda a vida dele...ou seja...ele se
MW livra da responsabilidade da vida porque o outro é o culpado pelo que aconteceu e pronto...
BL mas é um conformista e comodista...né? também...né?
65 MT eh::mas tem um prazer nisso...por isso que eu acho que não é
[
BL prazer da maldade né?que nem ela fala no livro...sobre
[
LP eu acho que o ressentimento...
70 [não é só uma neurose...e não é só uma patologia...eu acho
MT que é um::dado da cultura ah:: se a gente vai pela obra de Nietzsche por exemplo...que é o REI aí da filosofia do ressentimento...
[
75 MW que tratou o ressentimento...
MT ele vai trabalhar isso dentro da::religião...sobre tudo do Cristianismo...e o
ressentido pra ele não é o sujeito que quer se vinGAR ou que tem
inveja...que tem um sentimento reaTIvo em relação a um outro que ele
gostaria de ser...que ele não consegue ser...mas também é...ele se
80 transforma num sujeito que é capaz de inverter...aí ele vai falar do::d sacerdote asseta...né?que é o sujeito que inverte a direção do
ressentimento e começa que...porque a culpa tem que parar em algum
lugar...mas aí o outro não é mais o culpado...o culpado é ele mesmo...e aí
vem a história do veneno que...
85 [

- 90 MW o ressentido...ele consegue se livrar de resolver o problema
 porque ele...todo mundo tem::na vida
 éh...ofendido...éh...agravado...éh...sacaneado...
- 95 LP se chateia...fica triste...se magoa...
 MW perde uma aqui...ganha uma ali...quer dizer...todo mundo na vida...o
 ressentido ele::na verdade...é um queixoso...ele arruma um culpado
 pra::pra desgraça dele e ele não pode se curar...esse que é o
 problema...Maria Rita Kell ah::psicanalista diz até que::dá muito
 100 trabalho...pra pessoa no::no consultório porque::ela num...num...dá força
 nenhuma...
- LP não quer melhorar...
 MW não quer melhorar...ele nunca se arrepende de alguma coisa...
- 105 LP não dá um passo...
 MW que fez...ele sim é um profissional daquilo...na verdade a gente conhece
 muita gente...
- 110 MT mas ele se compraz...isso é um dado muito fundamental...
 MW mas ele fica fazendo planos...planos de vinGANça...
- MT isso compraz...ele tem o prazer I-MEN-SO de estar
 sentindo aquela coisa ruim...
- 115 MW ele tem um gozo com a fantasia...
- MT e quem fala mal?quem fala mal
 dos outros...por exemplo a história da fofoca ta::tem como base o
 120 ressentimento...e esse::prazer I-MEN-SO de poder estragar alguma coisa
 que é o personagem do subsolo do Dostoievski..ele diz que sentia
 praZER...que sentia que se sentia MULto bem quando ele conseguia
 magoar alguém...ele ficava se aproveitando daquilo que ele tinha causado
 no outro...mas porque ele se sentia...
- 125 MW que é o cara que escreve carta anônima pra pessoa...
- BL com certeza...
- 130 MW que planta nota nos jornais...que planta
 nota em colunas...
- MT o cara que faz fofoca...ele vai falar pro outro...
- 135 BL essa coisa de jornal...a gente conhece
 vários...
- MT não...o cara que adora falar mal da vida
 140 alheia...

- 145 LP eu achei que ressentimento fosse uma coisa mais simples...por exemplo...se eu fosse uma pessoa que tivesse ressentimento...acabei de descobrir que não tenho...porque eu até tenho...mas...eu luto pra que ele acabe...então eu não sou uma pessoa ressentida...não...
- 150 [MT não...o ressentido...você vinga...o ressentido ele vai mesmo que ele seja assim...um sujeito que se vê o mais Ético...o mais decente de todos...ele em algum ponto...ele vai fazer alguma coisa...nem que seja pequenininha...escondidinha...que nem a personagem de Dostoiévski pra te ralar...pode ser o ex aí o namorado...a tia que não sei que...a mãe que não sei que...
- 155 LP ah como é difícil ser SER humano..
MT quer dizer...pode ser a pessoa que mais te ama...ou que não ama...mas que em algum ponto vai fazer alguma coisa ruinzinha pra estragar...
- 160 [LP mas gente...vocês nunca tiveram vontade de fazer uma coisa pequenininha...gente?
- [MW mas sempre...
- 165 [LP obrigada...não é só ele então...
- [MW não...não é essa história...então acho que eu não consegui me explicar...ele fica fantasiando com a fantasia...mas ele...com com a vingança...mas ele executa não...não executa a grande vingança que resolve de uma vez por todas esse problema dele enquanto ressentimento
- [LP ele vai mantendo esse ressentimento
- 175 ruim...aquilo vira um motim na pele dele...
- [MW é claro...
- MT aquilo é bom e ele se reconhece naquela estrutura...
- [MW ele é covardão...ele não...
- [MT ele é covarde...coVAR::de...covarde é aquele que vê o outro...vê assim...vê a Luana Piovani passando linda...maravilhosa...nem olhando pros lados né? E ele vai lá pra deBAixo do do tapete se remoer...porque não pode::não pode...ela não pode ser tão bonita...isso me machuca entendeu...entendeu?nesse sentido ele se machuca com a felicidade...com a alegria...com a beleza do outro...
- 185 [LP ih::ta assim o:: ((gestos))
- 190 MT e aí ele se compraz...e muitas vezes ele mesmo fica se achando uma droga...ele é culpado...ele gosta...
- MW mas você sabe que esse negócio do::do ressentimento...da mágoa...da::da raiva...né...a mágoa e a raiva são sentimentos diferentes...porque digamos você tem uma mágoa...você tem uma ferida que ta sangrando...que está machucada...mas ela vai sarar...ela vai curar no seu tempo...né? você faz aquele recolhimento...tem::cura
- 195 [LP eu to tentando curar as minhas feridas

200

MW [a mágoa

205

BL [não...isso é o que a gente acha...tem pessoas que não curam suas mágoas...

LP não...raiva é uma coisa imediata

MW vamos distinguir o que é mágoa de ressentimento...a mágoa é

210

BL [mas a mágoa gera o ressentimento

MW

[mas a mágoa vai passar...

215

BL [mas a mágoa gera o ressentimento...

MW mas o ressentimento também...o ressentido...ele coleciona::mágoa...como é a história do saco...do saco de pedras...

MT

[a própria palavra fala...

220

LP ah::o saco que é maravilhoso...meu médico que o floRAL::que diz::que o ressentimento é um saco de pedras que você carrega cada vez que você arruma mais um...é outra pedra que se joga pra dentro...e é um peso que SÓ você carrega...ele me deu um exemplo maravilhoso...tem gente que é capaz...de ter re/ressentimento de alguém que já...morREU...quer dizer que é a maior loucura do mundo...

225

MT

[mas é o que a gente sente...que nem você falou...mágoa quando uma pessoa faz uma coisa chata o NORmal desejar...

230

LP

[coisa chata não...coisa chata tem a todo momento...quando faz saca NAgem mesmo...

MT

[bom...vamos lá então...quando alguém lhe alguma coisa...

235

LP

[ruim...ruim...

MT

[que você não gostaria que tivesse feito uma coisa ruim que::enfim...te dá uma coisa ruim...uma coisa que te dá uma mágoa...te dá uma insatisfação...te dá até raiva...o ruim é o sujeito nunca esquecer...sentir e ressentir...que é sentir de novo...sentir pra sempre...e não conseguir largar o tal do saco de pedras que você falava...né?então eh::eu acho que não tem nenhum problema no sujeito se magoar com uma coisa muito ruim que lhe fizeram...mas é sábio esquecer...então o::o nosso treinamento assim pra sobreviver uns com os outros...envolve muito isso de poder esquecer...no Nietzsche é uma virtude o esquecimento...né?é uma bem aventuraça...

245

LP

[gente...mas aí que ta...é uma super de uma virtude

250

MT

[não...mas...

LP

eu tomo floral...eu faço terapia...eu choro...eu canto...eu converso...

- 260 MW sabe qual é o sentimento pior
ainda?
- LP [eu...eu...to aqui com esses
dois...três...que já tem um tempo...entendeu?
- 265 MW [sabe aquele res/eu...a gente sabe
que é comum no Rio de Janeiro...em São Paulo não é um ditado muito
comum...mas aquele que diz assim...que bem que te fiz pra que você me
queira tão mal...que é o ressentimento provocado pelas coisas boas que
você recebe na vida...tem pessoas que também não conseguem receber
270 coisas boas...
[não consegue ser feliz...
BL e elas...a bondade das outras...
MW
- 275 BL [mas você falou do Rio...por que isso é uma coisa é um dito...
MW porque eu ouço de carioca...é um dito carioca...
BL [ah::é::?é um dito?
LP [eu nunca ouvi...nunca ouvi...
280 MW o Chico Buarque numa música...até ele fez uma inversão ele diz
BL [Chico é carioquíssimo...
MW assim...se eu só lhe fiz o bem...talvez fosse um vício a mais...como quem
285 diz...tem pessoas que não conseguem receber o bem...e elas recebem o
bem e devolvem em ressentimento...é fácil de explicar porque acho
que...aqui todo mundo viu Dog Ville? Dog Ville é um protótipo...
LP [ah...mas aí eu to esclarecida...
290 MW [quanto melhor ela quer ser...ela quer ser boa...ela quer
ser boa...e aquilo desperta ressentimento...uma raiva...um ódio das
pessoas...a ponto de no final ela dar uma solução que lá no::no filme que a
gente trouxe...que eu acho que é incrível pra ver é que cai no ser humano
295 essa história...né?
((trechos do filme))
MT a gente tem sempre que chamar à cena a ética...né?porque não vamos
poder comandar e organizar o sentimento das pessoas...
BL [o povo brasileiro é um povo ressentido...né?
300 MW a gente tolera tudo...tem uma complacência imensa com o ::
BL [mas também adora falar mal...o
ressentimento é falar mal das coisas que não dão certo...e a gente
305 repete...e não der certo...e não der certo...e a gente não...
[

- 310 MW ah::fica dizendo...o governo é corrupto...o governo é safado...político nenhum presta e num sei o que ...num sei que...e a coisa certa que você deve fazer em algum momento por exemplo...é escolher::um bom candidato...
- 315 LP como é a frase de Shakspeare?
MW diga pra encerrar o assunto...
LP éh::o ressentimento é um veneno que você toma...e vo/e fica esperando o outro morrer...
(risos)
- 320 BL quem ama não mata
LP isso mesmo...quem ama não mata.

ANEXO C

Programa Saia Justa

Horário:22h30min

Data:01/02/2006

Apresentadoras: Mônica Waldvogel; Márca Tiburi; Beth Lago e Luana Piovani

Tópico: O Silêncio

- 5 MW olha aqui...sem querer pedir pra ninguém calar a boca...mas num grupo como o nosso...sempre tão criticado porque falamos todas juntas...discutir silêncio parece uma contradição dos termos...mas jogador de futeBOL e torCIda de esTÁdio também NÃO respeitam os sessenta segundos do minuto de silêncio...parece que a gente gosta mesmo do ruído do baRUlho...da erupção das palavras...dos tambores...das buzinas...é isso mesmo?porque nosso assunto agora éh::silêncio...
- 10 LP ((gestos))
MW mas é pra falar...((risos))
MT sabe aquela::brincadeira de crianças...aquela horrorosa...
LP vaca amarela...
MT tarara...tarara...
15 LP que horrorosa o quê? que cagô na panela...cagá é palavrão?
MT não...que alguém...alguém tem que falar...
LP aquela brincadeira horrorosa...tem coisa melhor que vaca amarela?
MT é uma brincadeira horrorosa...
20 MW a gente não vive numa época ruidosa demais...demais...demais?
BL vive...demais...vive...
25 MW vocês não têm uma nostalgia do silêncio?
BL tem...eu vivo pedindo pras pessoas falarem mais baixo...fala mais baixo...eu tô ouvindo...fala mais baixo...no telefone uh...uh...tem aparelho de tel/telefônico que já parece que vem com essa coisa

e/exacerbada que você pode tirar o aparelho assim ((gestos)) que você ouve

35 MW
BL

[
é...todo mundo ouve...
é...e tem...eh::eu ach que as pessoas em geral são muito ruidosas

40 MT

[
mas a gente...eh:: a gente
se incomoda com o silêncio porque vivemos...eh::em função dos sons...só
que a gente...

BL

[
não...eu me incomodo com o
barulho...eu gosto do silêncio...

45 MT

[
pois é...mas aí tem gente que cham::que nem
minha filha por exemplo...ela chama o siLÊNcio da geladeira...
LP
BL
mas gosta do barulho também...meu bem...
aquele barulho que a geladeira faz?

50 MT

[
ela vive dizendo que ela escuta um negócio na
geladeira que::é incômodo ela chama esse...esse...isso de ruim...

MW

55 MT

[
o ruído constante...
ela chama de silêncio porque ...enfim ela associou que silêncio é um
negócio que não é bom...

BL

[
contínuo também...né?porque esse barulho...é um barulho
contínuo...

60 MT

[
éh::éh...
BL
ele faz parte do silêncio...né?
MT
é que na verdade...o/o silêncio...acho que talvez tenham silêncios né?o
silêncio que é bom e o silêncio que é ruim...a gente faz essa::

65 MW

[
mas você é do tipo que chega em casa por exemplo...ou num quarto de
hotel...que a primeira coisa que faz é...ligar a televisão pra não ter
silêncio...ligar o rádio pra...ligar o som pra ter música...

70 BL
MT

[
não...não...conheço gente que faz isso...
eu não ligo NAda...eu...

75 MW
BL

[
precisa o tempo todo de um efeito sonoro...
não gosto de quem bate porta...eu...euf/eu viro a maçaneta...eu fecho a
porta eu não gosto de gente que faz pum...fecha a porta...um monte de
gente faz isso...já tive vári/eu tenho uma...a minha hóspede predileta que é
minha amiga querida do coração...ela é TÃO barulhenta que toda vez que
ela liga e diz ...eu tô chegando...eu falo meu Deus do céu...ela tá
chegando...ela tá chegando...cê tem que prepa/que se preparar
psicologicamente...

80 MW

[
o jeito de andar mesmo...né...arrasta o salto...
pé...e faz um splash...splash...spec...plec...

[

- 90 BL eu falo...eu falo pra ela também...você quando chegar de noite tira o salto por favor...ela fala tá bom aí no dia seguinte ela faz tum...tum...tum...eu falo...Gina...ela fala...darling desculpa...esqueci...ela pára assim...aí não tem jeito...
- 95 MT mas sabe que eu gosto::desses sons eu gosto...eu gosto de pouquíssimas músicas tipo...tipo é muito::é muito difícil eu gostar de música tem de ser uma música muito boa...eu tenho que parar pra ouvir...mas eu curto assim o::barulho da janela abrindo...o barulho de/de chuva...o barulho de um carro passando...carro passando longe é um negócio que de longe me dá uma coisa boa...
- 100 BL [ah::é lindo...parece coisa de filme...verdade...
- 105 MT [eu gosto muito...desde criança eu gosto daquele barulho...barulho de/de vento eh:: pessoas cochichando...pegar no sono quando alguém tá falando...assim
- BL [pegar no sono na cara da pessoa que tá falando com você...rola geral...eu tô falando sério... ((risos))
- 110 MT [eu acho que...eu acho que...gente não convive bem com o silêncio porque na verdade a gente não faz nenhum exercício de silêncio...então a gente fica tagarelando o tempo inteiro...tagarelar é falar sem ter necessidade...
- 115 MW [preencher os brancos...né?
MT é...
MW preencher os claros...né?preencher os claros...
- 120 MT [é cacarejar...né?eu tava numa época tão louca nesse negócio de silêncio que eu fui pra um mosteiro...cheguei lá e disse pro monge eu...eu tô aqui porque tô em busca do silêncio...e ele só me disse uma coisa que valeu por muitos dias...o silêncio é sagrado...foi um negócio ótimo...é um ligar que não tinha barulho de nada...não tinha::não tinha...não tinha nem ...nem telefone não tocava sabe?eh quando tocava alguma coisa...era muito estranho no contexto...assim isso fez...eu acho que a gente devia de vez em quando fazer esses exercícios assim de sair fora desse::burburinho louco dessa::ruidosidade in/insandecida que a gente vive mesmo...né? que é você tem que tâ sempre com música...com televisão...falando com alguém...eh::eh:: e é isso...né?...e tudo isso...
- 130 MW [Shakspeare falava aquela frase maravilhosa...o mundo é...é feito de sons e fúria que significam NA-DA e é verdade...quando você pensa o tamanho da::da balbúrdia que tem...que é produzida no mundo pelas pessoas e pelas coisas do mundo...se você for exprimer esse significado eh::eh::pouca coisa né? ah::ah::por exemplo ela...elamuda do jeito que/como ela está hoje...eu tô aqui tentando interpretá...
- 135 ((risos))
[

- 145 BL não...a cabeça dela tá...eu
po/posso responder por você pra você se manter no silêncio?
LP pode...pode...
MW onde tá a Luana?
BL a/ela ...a Luana tá no/vou vou responder porque tenho convivido com ela
150 esses dias lá no ()...tá num processo de ensaios...então a cabeça dela só
pensa nisso só::se fala qualquer coisa...deve ser muito louco...
MW cê tá calada por fora mas por dentro tem um barulhão...
BL [por dentro tá um agito...é um barulho é uma...é
uma insandecidade...
155 LP [é uma ansiedade interna assim...eu tenho tado muito cansada
BL [uma velocidade absurda...
LP também por causa disso...então::junta...
160 BL [passa radinho onze e meia da
noite...papapapi...saí do ensaio agora...saí...
LP [enlouquecida...eu saio do ensaio exatamente o
165 oposto do que eu tô aqui...
MW [cheia de adrenalina...
LP saio do ensaio enlouquecida...querendo subir pelas paredes...com uma
170 ansiedade que vai fazendo assim ((gestos)) com o músculo do meu
estômago que chega a me dá ânsia...um horror...
MW e no dia seguinte você acorda sem energia nenhuma e...cê tem que puxar
essa adrenalina toda que vai...chega no auge da noite...
LP tá rolando já...e daí...
175 BL [isso é...
MT [mas daí também tem outra coisa que você não tá::você tá silêncio::sa você
tá ligada numa outra questão...mas o silêncio...esse silêncio que a gente tá
180 falando não sei se é bem
LP [é...
MT esse...não é assim...não há barulho não há ruído tá tudo calmo...é um
outro negócio...eu tava::lembrando e...e...fiquei pensando nessa música
185 famosa até por que é muito chata do Johnn Cage que é...chama quatro
minutos e trinta e três segundos de silêncio...não tem uma nota...não se
toca...NA-DA e essa música os músicos falam muito mal porque é um
experimento...é uma loucura tem um monte de gente que acha uma
chatisse e tal...só que essa ela...ela explica muito bem ela é uma crítica de
190 um músico à barulheira::infernada nossa cultura e...e essa música explica
muito bem o que é fazer silêncio...que silêncio não é um estado dado...que
silêncio é uma atitude...é um...na hora que você pode falar...você cala...
BL [lógico...

- 200 MT e você pode falar...mas você cala...
 []
 MW ou seja...é um silêncio pra ouvir algo especificamente...
 []
 MT é uma ação...
 []
 205 LP uma opção...uma escolha...
 []
 BL é uma ação...eu...eu vejo...você tá certa e...o
 contrário disso?e as pessoas que têm uma necessidade de falar
 ininterruptamente?
 210 MT []
 é que nem...vai...
 []
 BL ou de viver num/numa coisa constante de barulho por
 exemplo...eu gosto de entrar no meu carro e ter a opção de ligar o rádio e
 215 não ligar...porque...por que quando os vidros estão fechados fica
 muito...dentro do meu carro fica muito silêncio e eu gosto de dirigir no
 silêncio...mas tem determinadas pessoas que entram no meu carro e
 falam...imediatamente...aí liga o rádio...
 []
 220 MW precisa preencher...essa pessoa precisa preencher
 algo...que tem que ser preenchido com ruído...
 []
 225 isso me irri::ta...bota um cd...não tem cd?o que que tem de música?aí
 mexe em tudo...já faz uma...numa coisa desse tamanho ((gestos))...abre o
 porta luvas...olha na lateral...
 []
 MW é...é todo um volume de
 230 densidade de ruído...né...camadas de/de sons que que não
 []
 BL por isso...
 MW permitem com que você...possibilitam você a não ouvir nada
 []
 MT é uma proibição...
 BL na opinião de vocês como existe a opção do silêncio que é a...
 235 []
 MT proibição do silêncio...
 []
 BL tá e a proibição do silêncio que é
 240 muito pior...mas o que que faz uma pessoa falar ininterruptamente...o que
 que faz...o que que impulsiona uma pessoa a não respeitar o seu próprio
 silêncio...não...
 []
 MT eu acho...eu acho que já tenho uma
 245 idéia...sabe...eu quero entender...olha só...tem um livro do Samamberg que
 chama o inominável...ele fala assim eh::vou falar mesmo sabendo que
 devia calar...ele tá claro...dando uma resposta a um livro antigo do
 Wittigenstein que falava aquele tractatus que dizia no final...sobre o que eu
 não posso falar é preciso calar...ele tava dando uma resposta

- 255 contra...né?ele vai falando...falando...falando...e eh::angústia...pura angústia...eu tenho que falar...eu tenho que falar...eu tenho que falar...me mandaram falar...existem...e ele fala que tem uns caras que eles organizam...administram e cuidam e::eh::usam o silêncio enfim como se fosse uma forma de poder...um jeito de também controlar a vida dos outros...né?e ele fala de um...direito ao silêncio...e ele fala de uma ofensa ao silêncio...eua achei isso tão bonito...a ofensa ao silêncio...o que que é o silêncio?será que é um sagrado?será que é um mistério?se/éh::é uma coisa da vida...é uma coisa da vida...que a gente não conhece e que a gente não gosta porque nos assusta...o silêncio...o silêncio
- 260 [
LP o que que a gente não conhece?
MT ele é assustador...por isso a gente evita...
LP não...eu não acho o silêncio assustador...eu não acho que a gente não conheça o silêncio...
- 265 [
MT por que Luana?
LP [
 porque claro que a vida que a gente leva...hoje este planeta está completamente tomado pelo barulho...pelo ruído...
- 270 [
MW de certa forma é isso que a gente vem falando...o fato de você viver uma vida de ruídos e de invasões...invasão de sons de palavras...nós mesmas aqui...fazemos um barulho danado pra quem tá lá em casa...
- 275 LP mas a gente tem um silêncio interno...tem silêncio mental aí você pelo menos eu imagino...que nós ...pelo menos nós quatro aqui...a gente...a gente tem a opção de estar em silêncio...
- 280 [
MT mutismo...mutismo não é silêncio...
LP acontece isso muitas vezes assim de eu acordAR em casa no final de semana e é folga...não tem ninguém trabalhando...aí eu acordo e daí eu levanto vô...tomo meu leite...daí dô comidinha pro meu peixe num sei quê...daí quando eu vejo...eu tô a uma hora e meia fazendo coisinhas tro/ca::ra...quando eu me dô conta disso eu falo que delí::cia que casa que me traz paz...que sensação bo::a...
- 285 [
MW ah::mas é isso mesmo
 que ela tá falando...acho que é exatamente isso que é você saber... que também permite ouvir algo ou alguém né?
- 290 LP ah::mas é isso... acho que a gente conhece o silêncio...então...
- 295 [
BL bem...mas acho que que é uma coisa...o que ela tá falando é um pouco diferente...é você se calar...você...você...ter a opção de falar e você se calar porque e/a sua opção é aquela...
- 300 [
LP () do mental também...

- 310 MW é impossível aprender algo com a música e a tensão eo diÁlogo que existe entre o som e o silêncio...pra um olhar diferente sobre esse tema eh::a gente conversou com o maestro Tibiriçá...
- Maestro pra nós...maestros...vamos dizer assim..que nós não trabalhamos muito com instrumento...eu tenho que...nós trabalhamos com a cabeça quer dizer...eu leio uma partitura eu vou estudar a partitura...e eu eu tenho que ouvir mentalmente a orquestra Toda tocando aqui...o piano tocando aqui...ah::muitas vezes voê tem que decorar uma peça...então eu...que eu não posso estudar de madrugada ou então tô viajando...ou então eu pego a partitura eu leio como se estivesse lendo um Drummond...não é?eu leio a partitura...enquanto eu estou lendo...quando você lê um livro...você tá com a viagem na cabeça...a história...quando eu tô lendo a partitura eu estou ouvindo a música...você ouvir é uma arte...então o silêncio é importante nesse momento também...quando você fala...quando dois...falam ao mesmo tempo ou três é até engraçado...não é?como acontece aí no saia justa...as as quatro falando ao mesmo tempo...aquela polêmica toda...é fantástico...aliás eu sou fã desse programa...mas tem uma hora que alguém tem que parar de falar...
- LP [tem...e a nossa Mônica aqui faz isso muito bem...com uma delicadeza...uma elegância...
- 330 MW [ou ninguém mais conseguia ouvir... LP ela faz só um movimentozinho assim com o corpo ((gesto))...né?ela toma uma frentezinha assim que a gente já entendeu...que tá na hora de mudar...
- 335 MW [é...atenção meninas...e tem mais eh::ah::digamos essa construção da/do silêncio que é a meditação né...de certa forma eu acho que tanto ocidentais buscaram a meditação agora justamente porque não suportam tanto ruído...e eu tenho uma dificuldade mesmo...constantemente nos grandes momentos de ah::definições de ouvir a tal...aquela voz...ah...o que diz aquela voz sobre isso ou aquilo...a impressão que eu tenho é que...há tanto ruído dentro de mim que...que ela não consegue dizer...talvez a meditação e::ajude...né?talvez
- 345 BL [não tá conseguindo... MW por isso que tantaas pessoas vão...porque esse barulho...esse ruído tá na alma de tokdo mundo BL eu paticepei de meditação...mas eu abria o olho toda hora...eu não consegui...
- 350 MW eu também já fiz uma tentativa... LP eu também não consigo me concentrar...não... MW [é preciso concentração...é preciso disciplina...meditar parece uma cosa de POUcos e BONS para os que têm disciplina e têm coRAgem de abrir espaço do seu dia pra deixar entrar o silêncio..afinal meditar se/serve exatamente pra que?o que é que se conSEgue de bom com a respiração pausada e a mente vazia?o
- 355

- empresário Ricardo Yung consegue ficar introspectivo mesmo numa
 GRANde confusão externa ou durante um congestionamento
 365 monumentAL...perguntamos pra ele...aonde se chega pela meditação do
 silêncio?
- Ricardo oh::o que acontece é o seguinte...nós somos...muito::ah::voltados pra
 fora...né?nós pensamos muito e quando nós não estamos pensando
 370 achamos que existe um problema nisso...né?e os pensamentos são as
 fontes das...de todos os testes emocionais...a qualidade::da sua emoção tá
 diretamente ligada com a qualidade de seu pensamento...então...se você
 ocupa sua mente com pensamentos aflitivos sejam:: de
 375 compromi::so..ou::de de más noTÍcias...ou esse burbuRInho que é tão
 comum é::tomar conta da gente nas cidades grandes etcétera...as suas
 emoções são permanentemente::tumultuAdas...e você não tem o tempo
 né?o tempo de introspecção que...o silêncio pode trazer...a meditação
 consiste em você aprendER a suspenDER esse::turvelinho de
 pensamentos...né?éh::a/aprender a não pensar...
- MW nossa...então o meu caso é mais grave do que eu imaginava porque
 380 quando eu não penso no problema que eu tenho...de certa forma eu tenho
 certa culpa...eu deveria estar pensando sobre esse problema...porque eu
 preciso resolver...
- [
 LP você e esse rotvailer...né?filhota...
 385 MW não...porque ah::ah::culpa culpa é a palavra primeira que veio...mas como
 eu disse é um problema que tá me ocupando...esse problema...é eu não
 pensar nele...não vai resolver o problema...
- [
 LP não...mas eu tô entendendo se você tem um problema como é que
 390 você eh::como é que você sai do problema?como é que você se dá o
 direito de não estar pensando?
- MT é...eu so/eu sou igualzinha...eu quando não estou pensando eu não
 existo...eu fico no/no avesso do código cartesiano penso logo existo...eu
 eh::não penso não existo...eu não consigo imaginar isso de...esvaziar...
- 395 LP pois é...eu...eu...eu não consigo...
- [
 MT eu sou ocidental aliás...sabe eu acho bem legal esse negócio que
 ele tá conseguindo juntar as coisas...né?...essa...esse esvcaziamento
 400 BL faz...
 MT cê faz isso que nem ele?cê faz?
- [
 LP eu acho que tem que ter maturidade...
 405 MT faz com olho aberto ((risos))
 BL olha...eu com/fazendo silêncio ((gestos)) meu direito de me calar...olha
 aqui...
- MW as experiências que eu tive com aulas de meditação::com alguém
 encaminhando o proce::sso e orientando a respiração...
- 410 BL [pro SE-XO?
 MT [PRO-CES-SO

- 420 MW [orientando o PRO-CES-SO
LP [volta da zo::na...
((risos))
MT não...o pessoal ouve o que quer...ouve o que quer...
- 425 LP [que coisa...
BL [eu to sem óculos...eu to sem óculos...eu só ou/
MT [ouve o que quer...
430 BL [mas isso com certeza...mas eu to sem óculos...aí
eu...eu não escuto...tô falando sério...
LP [você não escuta...
435 BL minha filha sempre fala...mãe coloca o óculos ah::eu escuto com os olhos...
MT ela escuta com os olhos...é...() poética...
MW é uma experiência realmente gostosa quando você eh::eu preciso de
alguém...eu preciso de alguém ah:: por ah::...
- 440 BL [ta vendo...remeteu...
MW orientando essa meditação...fazendo entrar...
BL [mas cê faz...éh::transcendental?
445 MW acontece que tive um grupo inclusive tem uma aula e tal...eh::é muito
interessante a experiência...
LP [mas você consegue ficar com a mente vazia?
MW [criar uma...acho que você não
450 pode se preocupar muito com isso..
BL [porque tem uma montra...fica repetindo...
MW [você faz uma montra que tem um sentido
455 pra você...ou você se concentra na respiração de forma que ela...eh::e/ela
forçosamente esvazia você de seus pensamentos...
BL mas muito barulho por nada também é bom...porque uh::as pessoas tudo
criticam...
460 MT [sim...aí as pessoas arranjam um objetivo...
LP [a gente faz o que a gente gosta...faz silêncio quando
quer...tem que fazer barulho quando quer...
465 BL [aí vocês falam muito ao
mesmo tempo...e daí?vem sentar aqui e ver como é que é

470

difícil não interromper...não querer dar opinião...se silenciar...se você...se
 você fala pouco as pessoas fa/a ce tava calada...se você fala
 muito...ah::fala muito hein...entendeu?então agradar gregos e troianos...

475

LP

[
baianos...

BL

[
é baianos...é

480

MT

[
não...o pior é quando dizem...falô

besteira...

MW

silêncio só um pouquinho...porque no próximo bloco a gente vai de lado
 B...de coração na mão...ou momento saia justa... a gente decide no
 intervalo e te conto daqui a pouquinho.

485

Livros Grátis

(<http://www.livrosgratis.com.br>)

Milhares de Livros para Download:

[Baixar livros de Administração](#)

[Baixar livros de Agronomia](#)

[Baixar livros de Arquitetura](#)

[Baixar livros de Artes](#)

[Baixar livros de Astronomia](#)

[Baixar livros de Biologia Geral](#)

[Baixar livros de Ciência da Computação](#)

[Baixar livros de Ciência da Informação](#)

[Baixar livros de Ciência Política](#)

[Baixar livros de Ciências da Saúde](#)

[Baixar livros de Comunicação](#)

[Baixar livros do Conselho Nacional de Educação - CNE](#)

[Baixar livros de Defesa civil](#)

[Baixar livros de Direito](#)

[Baixar livros de Direitos humanos](#)

[Baixar livros de Economia](#)

[Baixar livros de Economia Doméstica](#)

[Baixar livros de Educação](#)

[Baixar livros de Educação - Trânsito](#)

[Baixar livros de Educação Física](#)

[Baixar livros de Engenharia Aeroespacial](#)

[Baixar livros de Farmácia](#)

[Baixar livros de Filosofia](#)

[Baixar livros de Física](#)

[Baixar livros de Geociências](#)

[Baixar livros de Geografia](#)

[Baixar livros de História](#)

[Baixar livros de Línguas](#)

[Baixar livros de Literatura](#)
[Baixar livros de Literatura de Cordel](#)
[Baixar livros de Literatura Infantil](#)
[Baixar livros de Matemática](#)
[Baixar livros de Medicina](#)
[Baixar livros de Medicina Veterinária](#)
[Baixar livros de Meio Ambiente](#)
[Baixar livros de Meteorologia](#)
[Baixar Monografias e TCC](#)
[Baixar livros Multidisciplinar](#)
[Baixar livros de Música](#)
[Baixar livros de Psicologia](#)
[Baixar livros de Química](#)
[Baixar livros de Saúde Coletiva](#)
[Baixar livros de Serviço Social](#)
[Baixar livros de Sociologia](#)
[Baixar livros de Teologia](#)
[Baixar livros de Trabalho](#)
[Baixar livros de Turismo](#)